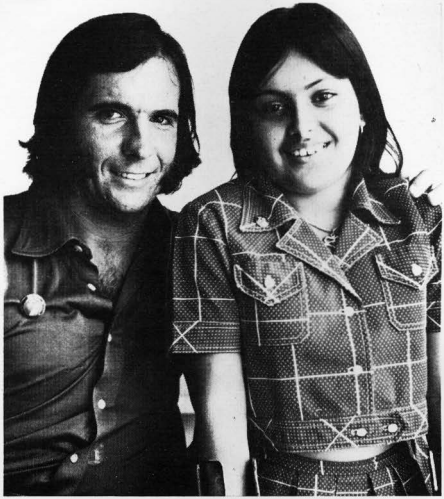
SÃO PAULO / JULHO 1976 / ANO 1 / Nº 3

VEREANÇA

PARTICIPAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO NA TEMÁTICA URBANA



Faça como o Emerson. Ajude uma criança a vencer.



Para ajudar uma criança a andar, a falar, a sorrir, o Emerson deu uma das coisas mais preciosas que ele tinha: a Taça de Monza, que ele recebeu quando ganhou o Campeonato Mundial. Mas a Associação de Assistência à Criança Defeituosa precisa mais. A AACD tem gente, tem equipamento, tem entusiasmo. E precisa só do seu apoio. Deposite o que puder em qualquer banco. Ou mande para a AACD.

Colabore com a A.A.C.D.

A.A.C.D. - Av. Prof. Ascendino Reis, 724 - C.E.P. 04027 - São Paulo - Cx. Postal - 8334.

CÂMARA
MUNICIPAL
DE SÃO PAULO

Constituição da Mesa para o 2.º Biênio da 7.ª Legislatura 1-2-1975 a 31-1-1977

Presidente:
Sampaio Dória ..... (ARENA)

Vice-Presidente:
Samir Achôa ..... (MDB)

Secretário Geral:
Antônio Sampaio ..... (ARENA)

1.º Secretário Suplente:
Aurelino de Andrade . (ARENA)

2.º Secretário Suplente:
José Storópoli ..... (MDB)

Líderes:
(ARENA) Naylor de Oliveira
(MDB) Mário Hato

Vice-Líderes:
Arthur Alves Pinto ... (ARENA)
José Bustamante ..... (MDB)
Paulo Rui de Oliveira ... (MDB)

Líder do Prefeito:
Brasil Vita ..... (ARENA)

Vice-Líder do Prefeito:
Luiz Peixoto ..... (ARENA)

Aliança Renovadora Nacional — ARENA
Vereadores: Alfredo Martins, Antônio Sampaio, Aurelino de Andrade, Brasil Vita, Carlos Ergas, Celso Matsuda, Luiz Peixoto, Mário Ovassa, Naylor de Oliveira, Nestor Ribeiro, Oswaldo Giannotti, Oswaldo Teixeira Duarte, Sampaio Dória e Vicente de Almeida; Vereadores suplentes em exercício: Oliveira Laet e Arthur Alves Pinto.

Movimento Democrático Brasileiro — MDB
Vereadores: Antônio Rezk, David Roysen, José Bustamante, José Storópoli, Mário Hato, Paulo Rui de Oliveira e Samir Achôa.
Vereador Sup. em exercício: Edvaldo Varjão.

Diretor Geral:
Neif Gabriel

As Listas Telefônicas (Páginas Amarelas), editadas em 1968, inseriram, sob o título Anuário Municipal da Cidade de São Paulo, *um trabalho de Guilherme de Almeida que representou uma inovação recebida com aplausos por um público seleto. O Príncipe dos Poetas Brasileiros, que soube amar esta metrópole, não contou aos amigos que o escrevera, sob encomenda, "Meu Roteiro Sentimental da Cidade de São Paulo". Mas quem consultava a lista, tinha a agradável surpresa de ler evocações que se iniciam na Estação da Luz, e terminam na avenida Paulista. As primeiras impressões do menino Guilherme, cuja família se transferira para São Paulo, ficaram profundamente gravadas na memória do poeta. A Estação da Luz o deslumbrara e a cidade, aos poucos, o conquistou. Era no tempo em que os cartões postais reproduziam obrigatoriamente a Estação da Luz e o Jardim fronteiro, com o mesmo nome. O relógio dessa estação da São Paulo Railway podia ser visto de muito longe, pois a cidade não tinha ainda arranha-céus. O edifício da SPR era também um símbolo de força econômica, da pujança do café, que nos trazia divisas, moedas fortes como a libra esterlina, de ouro, que abastados coronéis usavam nas correntes dos relógios de bolso, hoje tão raros.*

Anuário Municipal da Cidade de São Paulo apresenta o poeta, na primeira página, assim: "Ele nasceu quando São Paulo ainda engatinhava. Cresceu com a cidade, fez-se moço com ela, quando ambos eram jovens, lutou por ela. Foi nomeado o seu POETA; os seus versos foram aprendidos por todo novo casal de namorados enquanto "ela" crescia; foram decorados por todo universitário quando davam forças ao ideal de luta democrática. Sua cidade "cresceu", chegou à maturidade e ele assistiu a toda esta transformação. Portanto, ninguem mais indicado para servir de guia neste "Roteiro Sentimental da Cidade de São Paulo". Ele não precisa ser apresentado. Todos o conhecem. Algum dia todos já recitaram algum verso seu. Ele é GUILHERME DE ALMEIDA, o Príncipe dos Poetas Brasileiros."

E na apresentação, ao lado da fotografia de Guilherme, a citação de uma frase de Paul Geraldy: "Da saudade, que é um poeta, não faça um historiador."

A narrativa é considerada antológica. Não foi ainda publicada em livro. Mas figurará na biografia de Guilherme de Almeida, que o escritor Frederico Pessoa de Barros está concluindo.

Manifestamos nosso agradecimento às Listas Telefônicas Brasileiras, que nos autorizaram a reprodução desse trabalho. Esperávamos conseguir a reprodução de todos os desenhos e fotografias do Anuário, o que não foi possível. Fica o nosso desejo, frustrado. E com ele, como compensação, a certeza de que este roteiro permitirá que outros escritores, igualmente ilustres, atendendo ao convite de VEREANÇA, contem aos nossos leitores como sentiram e sentem esta cidade.

VEREANÇA

Editado pela
Assessoria Técnica de Recursos Humanos

Assessor-Chefe
Sebastião Simões de Lima

Editor e Redator
Lauro D'Agostini

Fotografia:
Antonio A. B. Dantas e Fernando C. Manzano

Redação: Palácio Anchieta, 6.º andar S/608

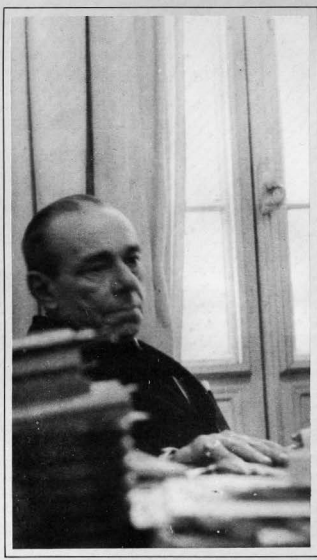
Impresso na Gráfica Municipal
Rua Teixeira Mendes, 262 - Cambuci
Gerente: **Adelino Ricciardi**

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMA
Subdivisão Técnica de Documentação

ÍNDICE

Meu roteiro sentimental da cidade de São Paulo 4
O sesquicentenário da velha e sempre nova Academia 11
Esta cidade cada vez mais pobre 13
O Brasil em evidência 15
Eles estão crescendo com o Brasil 16
Prefeito emérito Paulo Salim Maluf 18
Volpi vive em "estado de glória" 19
A morte de um idealista que amou as crianças 22
São Paulo agora e antigamente 23

MEU ROTEIRO SENTIMENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO



"Da saudade, que é um poeta, não faça um historiador!" (PAUL GÉRALDY).

Guilherme de Almeida

Ele nasceu quando São Paulo ainda engatinhava. Cresceu com a cidade, fêz-se moço com ela, quando ambos eram jovens lutou por ela. Foi nomeado o seu POETA; os seus versos foram aprendidos por todo nôvo casal de namorados enquanto "ela" crescia; foram decorados por todo universitário quando davam fôrças ao ideal de luta democrática. A sua cidade "cresceu", chegou à "maturidade" e êle assistiu a tôda esta transformação. Portanto, ninguém mais indicado para servir de guia neste "Roteiro Sentimental da Cidade de São Paulo". Êle não precisa ser apresentado. Todos o conhecem. Algum dia todos já recitaram algum verso seu. Êle é GUILHERME DE ALMEIDA, o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Assim está escrito nas Páginas Amarelas das Listas Telefônicas Brasileiras de 1968:
"Será isto, creio eu, um simples depoimento pessoal em causa própria. Fica, assim, o interessado direto num total à vontade, a salvo de qualquer contradita. E como que "falando sòzinho".
– Mas isso é interessantíssimo! digo eu mesmo a mim mesmo. O que me faz lembrar de certo sujeito que andava pela rua falando sòzinho, e que eu acompanhei, certa vez de perto, curioso por conseguir ouvir o que êle dizia, e fomos indo, mas de repente êle entrou na. . .



Estação da Luz

Foi aí que São Paulo começou para mim.
Menino paulista, do Interior, vinha de vez em quando com meus pais à Capital, e desembarcava entre bufos fortes de vapor e cheiro forte de carvão no imenso bôjo de ferro marrom e tijolinhos vermelhos do inglesíssimo monumento da São Paulo Railway.
Tenho a impressão de que não só para mim, infante, mas para todos e tudo, foi aí mesmo que começou o verdadeiro São Paulo dêste Século. Tôrre mais alta da cidade, com seu grande relógio marcando certo o Tempo, aí firmada como ponta de compasso, daí iria descrevendo, em círculos concêntricos, as sucessivas, bruscas fases de um violento crescimento, Tanto que se tornou o cartão-postal obrigatório que, no aluzescer dêste Século, qualquer itinerante mandava a qualquer destinatário: – "São Paulo – Estação da Luz". Em tôrno dessa tôrre assentaram suas mansões tantos respeitáveis nomes do Império e das páginas do Silva Leme. Um magnífico jardim desdobrou-se em verde, multiflorido e aquático tapête a seus pés. E tornou-se o segundo cartão-postal obrigatório de então: – "São Paulo – Jardim da Luz".

Bairro da Luz

Meu primeiro bairro. Lá por 1904. Solar baronial. Endereço: Largo do Jardim, nº 1. Êsse "Largo do Jardim" era a parte da atual Avenida Tiradentes, entre a rua São Caetano e o Quartel da Luz. Casarão térreo, grande jardim lateral, com cascata e peixinhos, e pomar ao fundo. Eu cursava o Ginásio São Bento. Caminho obrigatório: rua Florêncio de Abreu de ponta a ponta, sem transversais. Transposto o Seminário, que ainda lá está, eu passava por uma Confeitaria Minerva, cortava a Rua da Estação (hoje Rua Mauá) e. . .
. . .nem sempre fui logo até o colégio. Um dia, dobrei à esquerda e cheguei a um terreno baldio onde uma grande "troupe" de ciganos acabava de assentar acampamento. Os carroções pintados de côres vivas; seus cavalos normandos de imensos cascos; sua forja, fole e bigorna de bater caldeirões de cobre; seu urso ensinado que dançava ao pandeiro; suas ciganas folhudas e enfeitadas que deitavam cartas e ditavam a "buena dicha"; o mêdo que as famílias tinham dêsses "ladrões de crianças" e. . . o mêdo nenhum, e até gôsto e alegria, com que eu gazeava a aula e ia familiarizar-me com aquela gente estranha: seu chefe de brinco de ouro numa orelha e que tinha uma filhinha que gostava de falar comigo, e que eu ia ver sempre e que um dia partiu, e seu pai me convidou para partir também, mas eu. . . vou? . . . não vou? . . . não fui. "Você é da minha raça" – disse-me êle: e deu-me um pequeno brinco de ouro. É só trinta anos depois, em Paris, quando numa rua deserta de um domingo – a "Rue de Balzac" – uma cigana casual me leu a mão, foi que eu me lembrei de me perguntar: – E se eu tivesse aceito o convite? . . . Passou.
Importantíssimo, o Bairro da Luz. A Estação ali, o Jardim em frente, os solares pelas ruas Florêncio de Abreu e Brigadeiro Tobias; lá além, à esquerda, a Escola Politécnica, no casarão de azulejos do Três Rios; em frente, o Quartel da Luz, movimentadíssimo; e, um pouco mais abaixo, o Convento da Luz, repousadíssimo. No quartel, a tropa fazia exercícios, no pátio interno: e eu ia espiar. Era bem em frente de minha casa, no Largo do Jardim, que se armavam os palanques para as grandes paradas comemorativas Sete de Setembro, Quinze de Novembro. Aquilo, para mim, era "o suco" (Já se falava assim? Não me lembro). Como eu admirava o contagioso garbo dos oficiais da Missão Francesa (Balagny, Nerel. . .) que tão bem estilizariam a nossa Fôrça Pública. Nesse mesmo ponto do Largo do

Jardim foi que São Paulo viu rodar os primeiros automóveis: o Ford "de bigode", seus tripulantes também de bigodes grossos, luvas grossas, óculos grossos. No Jardim da Luz realizavam-se as grandes quermesses de caridade, elegantíssimas, patrocinadas por senhoras da sociedade. Uma dessas "patronesses" – lembro-me bem – vendo aproximar-se de sua barraca, solene e simpático, o ilustre mestre de direito e senador estadual, Dr. Herculano de Freitas, mandou uma de suas "vendeuses" oferecer-lhe um dos seus conhecidos charutos preferidos: "Hoyo de Monterrey". – "Quanto é isso, menina?" perguntou o Dr. Herculano; ouviu o preço, achou caríssimo, devolveu o "habano" e ia afastar-se quando a pequena teve uma idéia: "abriu" o charuto, trincando-lhe uma ponta com os dentes e ofereceu-o, perguntando: – "É agora, doutor?" Herculano tirou uma longa baforada e afastou-se numa nuvem aromática, respondendo à garota:– "Agora, minha filha, não há dinheiro que pague!".

Adiante! Lá embaixo, da colonial alvura de cal do Convento da Luz eu via sempre sair o nosso adorado Padre Chico: seu negro chapéu eclesiástico, seu negro guarda-chuva, sua negra capa-romana pregueada, descendo do ombro e esvoaçante, vindo quebar-se contra o braço. Sua residência, ao lado da portaria do Convento, tinha à entrada uma taboleta com esta palavra: "PENHA". Êle mesmo imaginara a inocente artimanha: quando não podia receber visitas, para o porteiro não mentir (feio pecado), bastava que dissesse ao visitante: – "Padre Chico está na Penha"...

O Triângulo

O imã inevitável.

– Onde é que vai?

– Vou à cidade.

Isto é, "fazer Triângulo". Ginasiano, acadêmico de Direito, bacharel, jornalista etc. . . e tal, vou por êle. São Bento-Direita-Quinze de Novembro: roda-viva rodando, vivendo. Geomètricamente, sempre o mesmo; arquitetônicamente, sempre outro. Ainda semi-colonial. Sobradões de beirais e pintados a óleo muitos dêles. Por exemplo: na rua São Bento, o "Grande Hotel", do Carlos Schorcht, com sua sacada que me mostrava, menino, na fachada fronteira, de óleo verde, um veado dourado, como "ensegne", e os dizeres em gótico: "Deutsche Apotheke". Ou então, nos "Quatro Cantos" (interseccão das ruas São Bento e Direita, antes de abertura da Praça do Patriarca), a "Rotisserie Sportsman", onde se servia o mais perfeito sorvete de pistache que houve, até hoje, no mundo (Paris "compris"). . . O Triângulo: reino das confeitarias, de todo tempo. Por exemplo: na Rua Direita, além dessa citada "Rotisserie Sportsman", o chilreante "Bar Viaduto", para namoricos de "melindrosas" e "almofadinhas", Lá diante, o "Fasoli", com seu "Punch Bouton" quente, para as noites de inverno, e uma tela para projeções cinematográficas de árias de ópera (primas-donas peitudas e barítonos de bigodinho). Na Quinze de Novembro, a confeitaria máxima na história de São Paulo: o "Progredior". Grande decoração barroca de painéis a óleo, "signés" todos, de mestres italianos; serviço perfeito; pessoal irrepreensível, excelente orquestra, no alto, em "gaiola" da qual partia um tubo acústico subterrâneo, que varava tôda a colina central e vinha permitir à veneranda senhora D. Veridiana Prado, em sua residência solarenga (o atual "São Paulo Club", de Higienópolis), ouvir o programa musical. Na Rua São Bento, a famosíssima "Castelões", com sua "patisserie" requintada.

E os cafés? – Principalmente dois, no meu tempo de Faculdade: o "Café Triângulo", nos Quatro Cantos, muito freqüentado por estudantes a caminho do Largo São Francisco; e, na Rua Quinze, o celebérrimo "Café Guarany", que era tudo: verdadeira redação d' "O Pirralho", semanário humorístico-literário-político, que o magnífico Voltolino ilustrava; estudantes rabiscando, no mármore das mezinhas, versos, caricaturas, palpites para uma "fêzinha" no "bicho": grupos, dezenas, centenas, milhares. . .

E os cinemas? – Apenas quatro (1908-1920): o "Radium" e "São Bento", na rua dêsse nome; o "Alhambra", na Direita; e o "Íris", na Quinze, pegado à importante "Casa Garraux" (livros e vinhos).

E, por falar em livros, estou me lembrando, com muita saudade, da "Casa Freire", na rua São Bento. Louça fina e, ao fundo, uma livraria com esta taboleta: "Padaria Espiritual". Riem-se? – "Pois o livro não é mesmo o pão do espírito? " – explicava-me o sr. Freire, o boníssimo. Ora, um dia, aí, farejando estantes, eis que descubro uma brochurazinha côr-de-rosa: – "Paul Verlaine – La Bonne Chanson". Capa e marca da editôra: um "V" atravessado por uma papoula. O quê? Vanier, o célebre editor do Pauvre Lélian? . . . Sr. Freire confirma. "É tem mais" – diz êle, entregando-me "Poèmes Saturniens", "Parallelement", "Sagesse", "Jadis et Naguère", "Fêtes Galantes". . . Folheio com gula aquela preciosidade, e pergunto, tímido, ao Sr. Freire, qual o preço "daquilo". Álto e fino, inclina-se êle sôbre a escrivaninha, consulta a escrita e. . . –Olhe, rapaz! Há oito anos que tenho êsses livros aqui: e nunca ninguém se interessou por êles. Sabe de uma cousa? Eu prefiro dar a quem entende do que vender a quem não entende. Leve-os: são seus!"

"Alto" e "fino", mesmo.

Três pequenas praças – três hiatos – quebravam a integridade das três linhas do Triângulo. Na retilínea exatidão da São Bento, a sua confluência com a Rua Álvares Penteado, formando o que nós'chamávamos o "Larguinho dos Táxis": os preciosos Berliets da "Auto-Taxímetro Paulista", benvindos sucessores dos tílburis. Na rua Direita, a desembocadura da rua Quintino Bocaiúva formando o antiquíssimo Largo da Misericórdia. E na Rua Quinze a interrupção para o Pátio do Colégio. Aí, por vêzes me detinha a contemplar, lá longe, lá embaixo. . .

O Brás

. . . no encardido do horizonte encarvoado, rente ao Tamanduateí que escorria sob o chôro dos salgueiros-chorões, mergulhando na água corrente as cabeleiras verdes, contra o "background" dos balões negros da Companhia do Gás. Ali começa a "Nuova Itália", conhecida vulgarmente pelo nome de Brás, n'é mesmo? pergunto a um carregador de blusão branco que subiu do Mercado e parou, um instante a meu lado.

– "Ma che Nuova Itália? ! Quello, la giù, è il proprio Brasile che incominicia!"

E explica-me que "Brasil" é simplesmente um anagrama de "Il Bras". . .

Sim: o Brasil que começava a acreditar em si mesmo. Voltome. E é dentro de um grande pensamento que pela Rua Quinze ganho o Largo da Sé, onde já começa a brotar do chão a floresta gótica da nova Catedral. E, pela Benjamim Constant ganho o Largo São Francisco. Ali está, à minha espera

A Faculdade

A nossa paixão primeira. "Mocidade" – era o seu nome de solteira. Casada, mudava de nome: "Alegria" para uns, "Luta" para outros, "Desilusão" para êstes, "Glória" para



aquêles, mas. . . "Saudade" para todos. Porque ali, por cinco anos, namorávamos a Vida, amando-a dentro de um círculo-vicioso: no primeiro ano, quando calouros, queríamos ser Presidente da República; no segundo, ministro do Supremo Tribunal; no terceiro, lente catedrático da Faculdade; no quarto, simplesmente advogados; e no quinto queríamos ser calouros de nôvo, apenas calouros. . .

Mas o fato é que a gente passava sob aquelas arcadas como sob Arcos de Triunfo. Passava, mas ficando, como o nome que gravara (o Carlos Crisci era especialista nessa arte) a canivete nos fortes bancos de caviúna do páteo franciscano. Escrevo o nome dêsse colega: — estou de volta entregue ao "meu tempo" de estudante: 1908/1912. Antes da Guerra. O mundo ainda é mundo. Um mundo que tirava a sua última soneca mamando depressa o cachimbo-da-paz com um Outro Mundo. . . Literatice, discurseira, versalhada — mas tão bom! Fundamos, à maneira dos Árcades românticos da Inconfidência, o pernóstico "Columbário dos Sonhos". Reunia-se de noite, aos sábados, na casa de uma família alemã da rua Santa Efigênia, a qual, passando em Santo Amaro o fim-de-semana, emprestava-nos, de graça, parte da sua residência para as nossas sessões. Uma grande sala com uma longa mesa forrada de oleado. A Antarctica mandava-nos os seus barris de chope com bomba e tudo — e a função ia pela noite, madrugada e manhã a dentro. Escola de oratória. Grandes revelações de eloqüência: o Pereira Netto, o Gustavo Bierrembach, o Pedro Rodrigues de Almeida, o Penido Monteiro, o Euclides Gomes . . . . Um ou outro poeta. Uma ouvinte apenas, mas persistente, obrigatória: a "loura de cabelos brancos" da Antarctica. Sim . . . A Antarctica; a dona do "Parque Antarctica". Ponto final da Avenida Água Branca. Centro dominical de inocentes diversões. Grande restaurante, bar, coreto, galpões, tudo nòrdicamente rústico — pinho lanhado e colmo — visão gostosa daquela bonacheirona, velha Baviera da "Gemuetlichkeit". Aí, entre outras grandes coisas do meu tempo, assisti ao lançamento de duas arrojadas modas femininas: a "jupe-culotte" e a "jupe-fendue". Isto é, uma saia-calção (parecida com a das odaliscas dos serralhos orientais) lançada por duas irmãs costureiras; e a saia aberta do lado embaixo, como a das aristocratas chinêsas e lançada pelas "vedettes" internacionais do . . . como era mesmo? . . . do "Polytheama" . . . Ah! Sim . . . Assim mesmo, com "y" e "th", como se escrevia então . . . Que saudade! . . .

Noturno Galante

Alguém dêsse "então" que, vindo do Triângulo, passasse à noite pelo velho Viaduto de Jules Martin (de ferro, estrutura transparente, que, sem cortá-lo em dois, pousava, numa fina leveza de inseto, sôbre o verde Vale do Anhangabaú), veria lá adiante, à sua esquerda, colado às grades, um bom teatro — o "São José" — à sua direita suntuoso e nôvo, o Teatro Municipal e, atrás dêle, lá embaixo, um velho e grosso barracão de zinco, pau e pano pintado, escarrapachado à beira da estreitíssima Rua São João. Era o tal: o "Polytheama". Teatro de variedades, tinha tido, anteriormente, suas gloriosas noites: Sarah Bernhardt, vinda em carruagem puxada por estudantes, aí vivera "L'Aiglon", de Rostand . . . Agora — estamos em 1913, pleno Ciclo Áureo do Café, Câmbio ao par etc. e tal — o "Polytheama" polariza a vida noturna da boêmia elegante de São Paulo. É o nosso "Moulin Rouge", mas sem um Toulouse-Lautrec, "hélas!", que o imortalizasse. É o reino da cançoneta internacional. "Clowns", acrobatas, ilusionistas etc., só para justificar o rótulo clássico de "Variedades". Daí, lá pela meia-noite, a gente subia até o bar do Teatro Municipal. Vicente Rosati era o anfitrião atencioso. Bebericava-se — o quê? "Whisky" era ainda coisa desconhecida. Nem mesmo o "cocktail" era conhecido. Só licores, Porto, Madeira, ponches, absinto, cerveja, Champ . . . Não: Champagne era para depois, dali a pouco e ali por perto, quando começava a "tournée" pelos cabarés, pelas pensões êle . . . elegalantes, alta noite, até . . .

. . . as primeiras carrocinhas de verdureiros, os túlburis mariscando, a madrugada, a chave-da-casa, o sono, o sonho, o dia, a vida . . .

. . . a vida ávida. Ave da vida, o sol convida a viver . . .



Vivacidade

Não há vida mais viva que a da minha viva cidade de São Paulo. Mal adormece o "Polytheama", já ela acorda, ruidosa, no "Mercadinho", também, de zinco, ali ao lado, no qual gesticula a balbúrdia bigoduda dos napolitanos parecidos com as caricaturas de Voltolino. E pererecam túlburis pernilongos pelos paralelepípedos da Ladeira São João, estreitinha, que os bimbalhantes bondes da Light sobem num arranco, param um instante no Largo do Rosário, viram a alavanca, erguem a entrevia da direita e baixam a da esquerda, batem o tímpano sob os pés do motorneiro – e descambam, rampa-abaixo, entre pregões de loteria à frente dos "chalets" e gritaria dos pequenos jornaleiros: – "Corrê", "Platé," "Está", "Fanfulla"!. . .

Largo do Rosário: ângulo principal do Triângulo. Na embocadura da brusca ladeira, à esquerda o "Café Brandão". À direita, a "Chapelaria Alberto": chapéus Borsalino e calçados Bostock. Pegada a esta, a tal "Castelões," com seus espelhos e suas paisagens de capitais européias pintadas a òleo nas paredes; e, nos crepúsculos suspeitos, sob o olhar sabidório de fazendeiros vestidos pelo Raunier ou pelo Vieira Pinto, as "madamas" de chapelão, plumas, "bichas", adereços e anéis de chuveiro. . .

A êsse velho Largo do Rosafio, mais tarde Praça Antônio Prado, estava reservada a glória de receber, há três décadas, numa esquina de sua turbulenta ladeira, o inédito, bruto impacto da primeira estaca batida para as fundações do primeiro arranha-céu desta ascencional cidade de São Paulo. Duas tentativas já haviam tentado – Babel! Babel! – violar o céu: o prédio "Sampaio Moreira", na rua Líbero e o "Edifício Guinle", na rua Direita. Oito ou doze pisos. . . Ora! o "Martinelli" plantou seus vinte e seis andares como marco inaugural da Cidade Vertical. Êsse ápice, espia, lá longe, no mais longínquo horizonte ocidental, o Jaraguá, "Senhor do Plaino". Dois pontos-altos no Planalto. Estava lançado o desafio à Altura. E hoje. . . Ainda bem que hoje. . .

. . . entre asfixiantes paredões de aço e cimento, para os







dispneicos da turbulência, ainda existe, verde e suave, um ou outro balão-de-oxigênio. Por exemplo: a. . .

Praça da República

Para mim, particularissimamente, que nada mais sou do que um simples fazedor de versos, a minha Praça da República foi sempre a minha professôra de Poesia. Foi com ela que aprendi, por exemplo, as estações. Plantada de plátanos – educada árvore européia, barométrica, que faz verão dando sombra, outono dando fôlhas mortas, inverno despindo-se para dar sol, e primavera reverdecendo para dar alegria que é vida, foi entre suas aléias, que, certa vez, num emotivo entardecer, vi aquela mulherinha que passava, ficando:

Flor do asfalto, encantada flor de sêda,
sugestão de um crepúsculo de outono,
há no seu gesto o lânguido abandono
de uma fôlha que cai, tonta de sono,
riscando a solidão de uma alamêda. . .

Aí, nas noites de 11 de agôsto dos meus tempos de estudante, é que se concentrava a comemoração noturna, com flôres depostas ao pé da herma de um meu glorioso irmão de alma e de armas, que "foi poeta, sonhou e amou na vida" e morreu quase menino; e que, nos meus tempos de soldado de 32, tombaram quatro outros meninos-heróis de epopéia; aí mesmo, onde o "meu" maio do derradeiro soneto do meu "Nós".

. . . boceja pensativamente
na tristeza infinita da paisagem. . .
Sim, maio. . .

Intermezzo Mariano

Mês de Maria.
Encontrámo-nos, uma tarde destas. Pela velha rua do bairro que foi o meu segundo bairro e que um entardecer de cinza fria vestia de outono, eu ia devagar, refazendo o caminho tantas vêzes feito, reconhecendo as tão conhecidas coisas. Êle chamou-me de-repente com sua voz de sino: voz crepuscular de "Angelus" que é como um cristal longo tangido no alto por um golpe leve de feltro.
E êle foi comigo. Foi contando. O altar era todo branco. . .
E subia. . . E as velas iam por êle como por uma Escada de Jacob. . . Eu ficava aqui atrás, na nave, olhando o vai-vem da porta, que ritmava o vai-vem do meu coração menino. . .
Porque uma blusa marinheira devia aparecer ali: chegar, entrar. . . Quando os cabelos desbotados, soltos, esvoaçando sob o gôrro marselhês, passavam por mim, e iam indo, e ficavam lá na frente, entre os primeiros bancos as luzes do altar emaranhavam-se nêles e faziam uma auréola. . .
Nem um único instante eu desviava o olhar daquele halo claro: êle era como um anteparo deslumbrador, um obstáculo fascinante entre mim, que estava aqui atrás, e Deus, que estava no altar. . . Não, não é verdade. Havia, sim, um instante em que eu não via os cabelos desbotados sob o gôrro marujo: – era quando, acompanhando a "Ave Maria", eu fechava os olhos para sublinhar de sonho certas palavras da oração azul. . . Estas palavras: "Cheia de graça. . . Bendita entre as mulheres". . .
Que é isso, poeta? Acorda! Vem vêr, lá longe e lá em-cima. . .



A Avenida

Longe mesmo. E em-cima mesmo. Vejo-a sob dois aspectos e em dois momentos do ano: os 3 dias de Carnaval e os restantes 362, às vêzes 363 dias da folhinha. Carnaval. Tipicamente paulista. Aquêle "paulista" que para os patrícios de outros Estados queria dizer caipira, antipático, secarrão. O Carnaval da Avenida. O corso. Autos particulares. Quase todos "limousines" e, pois, fechados, com "chauffeur" e às vêzes também até "valete-de-pied", de libré, brasões-de-armas da família discretamente impressos na portinhola. E, entre os cristais da "carrosserie", as "fantásticas" fininhas, fechadas impermeàvelmente, desfilando, "corretíssimas", sem um gesto de serpentina, "confetti" ou lança-perfume. . .
Passado o Carnaval, restava, para diversão, fronteiro ao precioso pedaço de floresta-virgem, hoje chamado "Parque Siqueira Campos", o festivo "Trianon". Belveder rasgado sôbre o Vale do Anhangabú, já mostrava, na distância opalina, a já tentacular Cidade-Polvo que vinha vindo, vinha vindo. . .
Ah!, o frívolo "Trianon": aquêle que, segundo um cronista social da época, "o filólogo Passos Pedroso, inimigo figadal de galicismos, numa indignação vernácula e senil, teimava em chamar "Três Anões". . . Era, ao nível da rua, um grande terraço ladrilhado, com duas pérgolas laterais povoadas de pombos e rosas. Tinha, no seu subsolo, amplo salão-de-festas, restaurante, bar, "tea-room", tablado para orquestra. Aí é que se realizavam os grandes banquetes oficiais a visitantes ilustres; e que se dançava, principalmente, nas lições da exímia professôra Mme Poças Leitão, e nos bailes da "Sociedade Harmonia". Aí, pela primeira vez, apareceu em São Paulo, o "jazz". E como se namorava! Na "terrasse", certa noite, êles estavam sós, enquanto no salão

os negros do "jazz-band" esmoíam qualquer coisa arrepiada de apitos no ar de porcelana. . . Fique junto de mim! está tudo deserto. . .
Eu queria que nós ficássemos tão perto
que nem sequer coubesse um beijo entre nós dois!. . .

Aí, num velho, célebre Carnaval, o embaixador norte-americano Morgan ofereceu à sociedade paulistana o mais suntuoso baile-à-fantasia de que há memória em nossos anais da divina frivolidade.
Divina mesmo, pois que. . .
. . . milagrosamente, do simples grão de uma rubiácea, e do capricho de poder saborear e oferecer aos outros um "cafèzinho", esta gente teimosa engendrou essa artéria fundamental para o coração do Brasil – colar de palácios, então, e de arranha-céus, agora – que Eugênio de Lima há três quartos de séculos idealizara, realizara e batizara de AVENIDA PAULISTA, e que vem contagiando, com sua megalomania, as vizinhanças, Norte-Sul-Este-Oeste, como se ali, de fato embora não de direito, houvesse nascido êste São Paulo de hoje: o grande. . .

... São Paulo do ABC

ABC mesmo de uma cartilha pela qual agora vem o Futuro aprendendo.
Mas, que digo eu? Será. . .
. . . será que eu sou aquêle maluco que falava sòzinho, e que eu pensei que acompanhei de perto para ouvir o que êle dizia, e fomos indo, e de repente êle entrou na estação e. . .
Será?

O sesquicentenário da velha e sempre nova Academia



As Arcadas de gloriosas campanhas, que o tempo enaltece.

O movimento que se esboçou, de transferir a Faculdade de Direito para a Cidade Universitária encontrou franca oposição. A Turma de 1948, manifestou-se na Câmara, através dos Vereadores Brasil Vita, líder do Prefeito e Samir Achôa, Vice-Presidente.

Lembrou o Vereador Brasil Vita as memoráveis lutas dos estudantes na Faculdade do Largo de São Francisco, considerando vitoriosa a campanha recente de preservar a tradição no lugar onde a velha escola nasceu e projetou-se. E o Vereador Samir Achôa, que também leu o manifesto da Turma de 1948, falou do espírito cívico que anima todos os que passam pela velha e sempre nova Academia.

O sesquicentenário — Marcam as comemorações do sesquicentenário da criação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, uma apresentação da Orquestra de Câmara de São Paulo, a leitura dos poemas feitos especialmente para a data, pelo poeta Paulo Bonfim, uma conferência do Prof. Miguel Reale e um novo calçadão, que tomará todo o largo, em frente à Faculdade, iluminada com holofotes especiais. E a Câmara Municipal fará realizar solenidades que estão sendo programadas, para dar o relêvo merecido às comemorações que se iniciam em 11 de agosto deste ano e serão concluídas em 11 de agosto de 1977, quando a Academia de Direito ➤

completará um século e meio de existência.

Nesta edição em que a Faculdade é também lembrada em um poema-crônica de Guilherme de Almeida, VEREANÇA transcreve trechos de um trabalho publicado em 18 de julho último, no "O Estado de São Paulo".

Sentimento de autonomia — "A Academia de Direito diz "O Estado", foi instituída por decreto — de 11 de agosto de 1827 — fruto de um sentimento de autonomia da nova nação independente e da hostilidade sofrida pelos brasileiros em Coimbra. O antigo convento do Largo São Francisco, que abrigou a primeira turma de 33 alunos, e contratou um sineiro antes do diretor e professores, tem seu nome ligado aos principais fatos e nomes da vida política nacional. Da abolição à luta pelo petróleo, passando pela proclamação da República e pelo fim do Estado Novo, por ali passaram Castro Alves, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Rui Barbosa, Campos Sales, Rangel Pestana, Júlio de Mesquita, Quintino Bocaiuva, Antônio Bento, Assis Brasil e outros que transformaram as Arcadas no cenário dos principais episódios da história do país.

Os primeiros anos — A idéia de um curso de Ciências Jurídicas no país nasceu e tomou corpo logo após a Proclamação da Independência do Brasil, quando José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo, propôs a criação de uma escola de Direito no País. O projeto ficou pendente, até que, em 1826, o deputado Lúcio Soares Teixeira de Gouveia, de Minas Gerais, voltasse a tocar no assunto.

A proposta foi aceita e durante quase um ano, travou-se uma verdadeira batalha na Assembléia Constituinte: cada deputado queria trazer o curso para o seu Estado. Depois de muitas brigas, decidiu-se então que seriam criadas duas faculdades de Direito no país, uma no sul, em São Paulo, e outra em Olinda, no norte. Logo eram nomeados os primeiros funcionários da nova escola superior: curiosamente, a contratação do porteiro e sineiro Luis Carlos Godinho, antecedeu a do diretor, o tenente general José Arouche de Toledo Rendon, oficial do império, formado em leis pela Universidade de Coimbra. Foi o general Arouche quem escolheu o convento do Largo de São Francisco como sede da escola e foi ele quem determinou as primeiras exigências para se ingressar na escola: o aluno deveria ter mais de 15 anos e prestar um exame vestibular nas disciplinas de língua francesa, gramática latina, retórica, filosofia racional e moral, e geometria.

Um curso preparatório foi instalado ao lado da Faculdade e entre seus professores, um — o alemão Júlio Frank — ficou célebre pelos mistérios que envolviam sua vida e pela estreita intimidade com os estudantes. Com eles fundou a *Buschenschaft*, conhecida como *Bucha*, entidade secreta destinada a assistir aos acadêmicos pobres. Aos 31 anos, Júlio Frank morria e como sua religião protestante fechava-lhe as portas de todos os cemitérios católicos da província, ele foi enterrado no pátio interno da própria faculdade.

Lutando pelas Liberdades — Encabeçando a campanha pela abolição, conspirando e tramando a proclamação de uma nova república, os estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco nunca deixaram, no passado, de participar ativamente da vida política do País. Com uma posição nitidamente liberal eles combateram os regimes totalitários e apoiaram vários movimentos e iniciativas públicas. Mas foi na Revolução constitucionalista de 32 e no combate à ditadura Vargas que os estudantes tiveram uma participação mais marcante.

Durante o Estado Novo, a luta continuou, com passeatas realizadas periodicamente pelo centro da cidade em favor da democracia, os discursos feitos em praça pública e as manifestações de repúdio ao regime que vigorava no País.

Vários são os documentos que retratam a situação do Brasil na época, sobretudo no início da II Grande Guerra, quando o regime brasileiro somava-se a outras ditaduras.

Em 1944, vinte e cinco estudantes da Faculdade de Direito incorporados na Força Expedicionária Brasileira, partiam para a Itália. Um ano depois caia a ditadura.

Mais tarde, outras campanhas foram promovidas pela Faculdade dentro da Universidade junto à população de São Paulo, influindo de maneira importante em grandes decisões. E até hoje, os estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco conservam algumas dessas tradições: as eleições para o Centro Acadêmico XI de Agosto são das mais disputadas de toda a Universidade de São Paulo e são comuns os debates e as discussões envolvendo as transformações da vida nacional. Mas há um ponto que eles fazem questão de manter: sua recusa em mudar para a Cidade Universitária, deixando os 150 anos de história do velho prédio.



Representando a Câmara Municipal no Congresso Brasileiro de Vereadores, realizado em Porto Alegre, o vereador Paulo Rui de Oliveira levou ao exame dos congressistas, trabalho elaborado pelo vereador Sampaio Dória sobre "Reforma Tributária e Política Demográfica" e que leu numa das sessões plenárias.

"Regressei da capital gaúcha – disse o representante emedebista – convencido de que as idéias do Presidente Sampaio Dória foram bem aceitas pelos participantes do congresso, que certamente levaram às áreas de sua militância, vigorosa mensagem sobre a necessidade de serem abertos novos caminhos que proporcionem maior participação dos municípios das capitais na renda federal, uma política de crédito que refreie o desenvolvimento industrial nas áreas metropolitanas e uma política demográfica que controle melhor as migrações internas. É claro que quando o Presidente Sampaio Dória fala de São Paulo, seu estudo abrange todas as áreas metropolitanas. E Porto Alegre, como Recife e outros polos de desenvolvimento nacional, merecem os mesmos caminhos. Os dados apresentados são da região metropolitana que mais cresce, que maior número de problemas enfrenta, mas os Vereadores das capitais e cidades que formam as áreas metropolitanas definidas na lei federal manifestaram as mesmas preocupações do presidente da Câmara Municipal de São Paulo e o mesmo empenho em ver o governo federal oferecer recursos financeiros maiores e adotar providências que tornem mais humanas as condições de vida nas cidades capitais.



Esta cidade cada vez mais pobre

Cai a participação da capital paulistana na arrecadação do Governo da União — Sugestões para desestimular o crescimento industrial e controlar melhor as migrações internas

Três sugestões – Ao ler aquele trabalho, na íntegra, eu disse aos congressistas:

"Enquanto a população de São Paulo cresce à taxa de 5,5 por cento ao ano, em média, a Prefeitura fica cada vez mais pobre e a União cada vez mais rica", declarou o Vereador Sampaio Dória, Presidente do Legislativo paulistano, ao analisar a participação do município no total de tributos arrecadados na cidade. Afirmou a propósito, que em 1970 essa participação foi de apenas 13,1 por cento, enquanto à União coube 47,02 por cento em 1974, a Prefeitura ficou só com 11,7 por cento e o governo federal com 55,3 por cento. Então, baseando-se nos estudos que realizou, resolveu fazer publicamente, as seguintes sugestões: 1) que o governo federal divida melhor a arrecadação no município com a Prefeitura; 2) que adote uma política creditícia que desestimule o crescimento industrial na área metropolitana de São Paulo, e, 3) que defina uma política demográfica capaz de controlar melhor as migrações internas.

Só dessa forma, acrescenta o Vereador, a população de São Paulo pode continuar sonhando com o dia em que terá uma vida bem melhor".

São Paulo arrecada cada vez menos – "Vejamos primeiro o problema tributário. Ano a ano, o Município de São Paulo tem arrecadado, em termos relativos, cada vez menos. No exercício de 1970, a capital ficou com 13,1 por cento do produto tributário global arrecadado no município; 86,9 por cento dos tributos pagos pelos paulistanos destinaram-se aos cofres da União e do Estado. Em 1971, o percentual do município decresceu para 12,4 por cento. No ano seguinte, para 12 por cento. Em 1973, para 11,9 por cento e, em 1974, para 11,8 por cento. Em 1975, segundo estimativas, caiu para 11,7 por cento. Isso mostra uma tendência decrescente na participação do município na renda tributária que os contribuintes geram. Nos primeiros anos da década de 40, essa participação era da ordem de 20 por cento e os encargos do município eram substancialmente menores do que seriam nos anos subseqüentes. A partir da Constituição de 1946, em virtude sobretudo das limitações discriminatórias impostas às capitais dos Estados pelo artigo 20, esse percentual decresceu para 7 a 8 por cento, até 1967 (o artigo 20 excluia as capitais da repartição do excesso de arrecadação do governo estadual).

Foi justamente nesse período de empobrecimento das nossas capitais que cresceram mais acentuadamente as suas necessidades materiais. Daí o estado deplorável em que se encontram os serviços públicos nesses municípios, até hoje. Com a reforma tributária de 1967, foi eliminada a discriminação anteriormente existente, e foram revistos os critérios de divisão da renda tributária, de modo a permitir aos municípios das capitais reter um percentual superior. Assim, a participação deles em 1968 foi de cerca de 15 por cento. A partir daí, entretanto, o percentual tem decrescido sistematicamente.

– Assim, paralelamente ao aumento progressivo dos encargos administrativos dos municípios – o município de São Paulo, por exemplo, cresce à razão de 5,5 por cento ao ano – os recursos financeiros postos à disposição das Prefeituras para enfrentar essas responsabilidades vão decrescendo relativamente, ano a ano. Transportado o problema para o âmbito nacional, verifica-se que, por se encontrar o país num acelerado processo de urbanização e industrialização, estão se formando nas chamadas áreas metropolitanas conglomerados demográficos de proporções gigantescas, onde a qualidade de vida deteriora-se progressivamente e que por isso mesmo tendem a se transformar em centros explosivos de tensões sociais e políticas a curto prazo."

Três hipóteses apontadas – "Para dotarmos os municípios de recursos compatíveis com as suas necessidades, nós temos três caminhos. O primeiro é aumentar as alíquotas dos tributos municipais já existentes ou estabelecermos novos tributos, como, por exemplo, o tributo metropolitano. Mas isso é inconveniente, dada a elevada carga tributária que hoje já pesa sobre os contribuintes nessas áreas. O segundo caminho seria aumentarmos o endividamento municipal. É também uma hipótese a ser afastada porque, a título de exemplo, muitas de nossas áreas metropolitanas, como a de São Paulo, já se encontram no limite máximo permitido de sua capacidade de endividamento. O município de São Paulo encerrou 1975 com uma dívida da ordem de CR$ 5,2 bilhões; até o final do ano, com as operações de crédito já autorizadas, a dívida deve chegar a cerca de Cr$ 6,5 bilhões, o que representa nada menos do que cerca de 80 por cento da receita total do município em 1976".

Revisão do Fundo de Participação dos ➤

Municípios – "O terceiro caminho, que me parece mais razoável, seria a alteração dos critérios de divisão da renda tributária entre a União, o Estado e o Município. O Estado, atualmente, devolve 20 por cento do ICM arrecadado no município para a Prefeitura, o que representará, este ano, aproximadamente Cr$ 3,2 bilhões, ou seja, 40 por cento da receita orçamentária total do município. Uma pequena elevação desse percentual, de 20 para 25 por cento, digamos, representaria, portanto, para São Paulo, um acréscimo da ordem de Cr$ 800 milhões. Considerando, entretanto, que o governo estadual passou a assumir precisamente em 1976 uma responsabilidade financeira considerável, até então a cargo do município, ou seja, a construção do metrô, o mais justo seria que, em vez do Estado, a União entregasse um parcela do que aqui arrecada os cofres municipais. A participação do município da Capital no Fundo de Participação dos Municípios – isto é, o dinheiro que o governo federal destina às cidades – é tão ridícula e irrisória que sua existência chega a ser considerada simbólica: em 1976 será de Cr$ 8,9 milhões, ou seja, a milésima parte do orçamento da Capital.

– Levando-se em conta que a União praticamente não tem responsabilidades administrativas no município (não há uma universidade federal ou um hospital federal, por exemplo, em São Paulo), seria justo e urgente rever os critérios de distribuição dos recursos do Fundo, de modo a propiciar concessão de auxílio financeiro substancial às nossas áreas metropolitanas."

Atuação no crescimento demográfico – "Mas só esse aumento de participação no Fundo não basta. O governo federal precisa atuar também no problema do crescimento demógrafico. Nesse sentido, é absolutamente imperioso adotarmos uma política de desconcentração industrial na área metropolitana de São Paulo e de outros Estados do País. Por que? Porque basicamente o que atrai os fluxos migratórios intensos para as áreas metropolitanas são os estímulos de natureza econômica. Para isto existem três caminhos a seguir: primeiro, a adoção de uma política de uso e ocupação do solo restritiva do ponto de vista da expansão industrial. Essa legislação deve, contudo, ser de âmbito metropolitano e não apenas de âmbito municipal como é hoje (com a Lei do Zoneamento), porque de nada adiantará restringir a expansão industrial na Capital e permitir que ela ocorra nos municípios vizinhos, já que todos esses municípios da área metropolitana devem ser considerados como uma única cidade. A segunda medida seria uma política tributária desestimulante para a expansão industrial nas áreas metropolitanas. E a terceira, e mais importante, seria uma política creditícia do governo federal para canalizar as novas indústrias para outras áreas do Estado, especialmente para aquelas onde já existam cidades de porte médio com infraestrutura que possibilite a formação ou ampliação de novos núcleos industriais."

O caos dos bolsões demográficos – "Um dos argumentos fundamentais utilizados para justificar a política demográfica liberal do país é o de que só através do crescimento normal e até mesmo incentivado do contingente populacional brasileiro será possível, a médio prazo, promover a ocupação física dos grandes "vazios demográficos" ainda existentes no território brasileiro. Ouve-se há décadas esse argumento, empregado até mesmo por autoridades do governo brasileiro em conclaves internacionais, como um meio de justificar a não adoção, pelo governo federal, de uma política de controle de seu crescimento populacional, ao contrário do que fazem, praticamente, todas as outras nações do mundo. Esse argumento não tem qualquer fundamento sério. A sua formulação teórica perde qualquer validade quando examinada à luz dos fatos. Quais são esses fatos? O primeiro deles é o de que os vazios demográficos do território brasileiro não apenas continuam a existir como têm se ampliado de ano para ano. Em segundo lugar, o de que mesmo os projetos oficiais de utilização de excedentes populacionais de áreas superpovoadas, tranferindo-os para outras subpovoadas, não têm produzido qualquer resultado digno até mesmo de menção. Os polos de colonização compulsória ao longo da Transamazônica demonstraram, pelos seus pálidos resultados, a fragilidade da experiência. Em terceiro lugar, tem-se ignorado, sistematicamente, que os fatores primordiais de ocupação de vazios são representados pelo capital e pela tecnologia, e não pela tranferência artificial de material humano desqualificado. Em quarto lugar, registre-se o fato, evidente aos olhos de todos, de que a conseqüência mais palpável – e também trágica – dessa política, que se resume em não estabelecer qualquer política de controle e distribuição racional da população brasileira, tem sido a formação caótica e indisciplinada de grandes bolsões demográficos nas áreas metropolitanas do País, congestionando-as, saturando-as a índices cada vez mais baixos de qualidade de vida."

Os males que não são evitados – "Em suma: não se adota uma política de controle quantitativo de crescimento populacional; não se adota uma política de controle direcional dos fluxos migratórios internos; não se adota uma política de fortalecimento tributário dessas áreas superpovoadas. Não se evitam, assim, os males decorrentes desse excessivo adensamento populacional, nem se promove a ocupação das áreas demograficamente rarefeitas."

Por último, cabe lembrar que todos aqueles inevitáveis investimentos em saúde, educação, transporte, etc., que o governo é levado a fazer, para atender, ainda que mal, aos acréscimos populacionais de cada ano, terminam tornando indiretamente dispendiosa a mão-de-obra aparentemente barata para a economia do País".

RETOMADA DA MINERAÇÃO DE COBRE NA BAHIA

"A retomada das explorações do cobre, na Bahia, através do "Projeto Caraíba" paralisadas há dois anos, por determinação do Governo Federal, foi anunciada pelo Presidente Geisel, em sua visita a Salvador.

Disse o Presidente que "o caso mais sério, no setor dos metais não ferrosos, é o do cobre, pois nossa produção é inexpressiva, estando o consumo ao nível de 140 mil toneladas anuais."

Esse consumo nos custou em 1975, 182 milhões de dólares. Este ano nos custará muito mais. Todavia, a retomada das explorações permitirão que, ao final desta década, o Brasil terá autosuficiência em cobre.

"O Governo — acentuou o Presidente da República, pode agora anunciar o seu propósito de realizar um projeto integrado de cobre, na Bahia, compreendendo, possivelmente, de um lado a mineração e a produção do concentrado, no interior, e de outro lado a metalurgia, na região de Salvador, com base nos elementos de que já dispõe, após os estudos necessários, o BNEDE" —, acrescentou o presidente. "Pode-se esperar — frisou — que o projeto integrado na Bahia alcance investimento superior a Cr$ 4 bilhões, inclusive a metalurgia, com significativo efeito de geração de empregos e fortalecimento e diversificação do pólo industrial do Estado".

Esta é uma etapa da escalada desenvolvimentista, frisou o Vereador Aurelino Soares de Andrade, que também se liga ao Polo Petroquímico de camaçari. É a Bahia crescendo, é o Brasil progredindo com segurança".

SÍNTESE DO IMPOSTO DE RENDA

"Merece divulgação mais ampla a síntese informativa sobre política de tributação e aplicação da receita pública, que a Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda vem de entregar aos contribuintes do Imposto de Renda, juntamente com a respetiva notificação. Esclarece a SRF que, "considerando apenas os mecanismos fiscais do IR — Pessoa Física — poderíamos citar as seguintes medidas, adotadas nestes últimos dois anos, de acordo com esta diretriz.

a) permissão para atualizar monetariamente o imposto descontado na fonte, ao nível de 30%;

b) revisão da legislação de incentivos que passou a ter como referência o valor do imposto devido, possibilitando



O Presidente Geisel

que os benefícios fiscais tenham maior significado para os contribuintes de menor nível de renda,

c) outorga, às pessoas de mais de 65 anos de idade, do direito de abater, de sua renda tributável, quantitativo equivalente a dois dependentes,

d) aumento do limite de isenção que, de Cr$ 13.900,00, passou a ser em 1976, de Cr$ 26.000,00 de renda líquida,

e) escala de progressividade — uma nova estrutura de alíquotas progressivas correspondendo à nova realidade — visando aos objetivos sociais de melhor tratamento ao assalariado e com aspirações de aperfeiçoamento da justiça fiscal.

Um total de 10 milhões 315 mil declarantes do Imposto de Renda deste ano foram classificados como isentos, ou sejam, 77,6% do conjunto de 13 milhões 300 mil declarações de pessoas físicas que a Secretaria da Receita Federal havia recebido até o dia 25 último. Deste número, 815 mil apresentaram imposto a pagar (6,1%), 2 milhões 170 mil (16,3%) indicaram direito à restituição.

A Receita Federal informou que até àquela data, foi processado um total de 3 milhões 709 mil declarações, sendo 775 mil com imposto a pagar, 2 milhões 80 mil com restituição e 854 mil isentas. Das declarações com imposto a pagar ou com o cheque de restituição, as respectivas notificações já foram expedidas aos contribuintes.

O progresso — *E para dar uma idéia do emprego de recursos públicos por diferentes programas do Governo, apresenta a síntese informativa: Comunicações: Cr$ 1.024.000.000,00; Assistência e Previdência, Cr$ 11.744.000.000,00; Educação, Cr$ 6.419.000.000,00; Ciência e Tecnologia, Cr$ 1.886.000.000,00; Saude e Saneamento, Cr$ 2.617.000.000,00 e Transporte, Cr$ 17.669.000.000,00.*

Este é um país que vai p'ra frente!
(Manifestação do Vereador Luís Peixoto).

TÉCNICA DO BRASIL NA ÁFRICA

Leio que o Brasil montará, na segunda quinzena de agosto próximo, em Lagos, na Nigéria, uma exposição industrial dedicada à arquitetura e construção, patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores. Essa feira é o resultado do crescente interesse da Nigéria na técnica brasileira nesse setor, que está expressa em vultosos contratos com firmas brasileiras, para a construção de estradas, prédios públicos e numerosos edifícios comerciais em Lagos.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o Senegal anuncia que a língua portuguesa será ensinada em todas as escolas do país, a Casa Brasileira da Fundação Leopold Senghor está oferecendo bolsas a pesquisadores e homens de cultura que se interessem por estudos da cultura negro-africana e se aprofundem na investigação das influências africanas na civilização brasileira. E é também auspiciosa a notícia de que a Feira Internacional de Dacar, de 3 a 12 de dezembro próximo, deverá contar com a participação do Brasil, vivamente empenhado em estreitar relações com o Senegal.

Evidencia-se a presença do Brasil na África e o interesse do Senegal no nosso desenvolvimento. Estamos estreitando nossas relações com países africanos e isso significa que, tanto no plano cultural, quanto no econômico, o Governo brasileiro desenvolve uma política elogiável."
(Opinião do Vereador Alfredo Martins)

INICIATIVA ARROJADA E PIONEIRA

Mencionando a aquisição total do controle acionário da "Hills Bros Coffee Inc.", a maior organização exclusivamente cafeeira dos Estados Unidos, pela Companhia União dos Refinadores, o Presidente Sampaio Dória considerou-a de profunda significação para a economia nacional.

"A Companhia União dos Refinadores, afirmou, uma das mais antigas e conceituadas organizações brasileiras do ramo do café e do açúcar, coligou a sua experiência à dinâmica da Copersucar — Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo, num propósito arrojado e pioneiro, a aquisição do total do controle acionário da Hills, a fim de colocar produtos brasileiros diretamente ao alcance do consumidor americano.

Registra-se, assim, uma inversão na tendência histórica da penetração das empresas multinacionais em nosso país. Dessa maneira, desloca-se para São Paulo o centro das decisões da empresa adquirida, que apenas de direito seguirá como uma empresa norte-americana.

A curto prazo, a Hills cuidará da introdução nos Estados Unidos de produtos brasileiros variados, como açúcar, chocolate, óleos vegetais, carnes processadas, sucos de frutas, castanha de caju etc.

Vale ressaltar, no episódio, o apoio concreto e decisivo das autoridades brasileiras para que os objetivos fossem colimados, a começar pelo Presidente Ernesto Geisel, a quem a iniciativa foi levada em primeira instância.

A operação constitui um passo inédito e sugestivo, dentro de uma fase em que o Brasil se esforça para emergir ante o mundo como potência afirmada."

Eles estão crescendo com o Brasil

Figuras expressivas da colonia japonesa radicada em São Paulo, cônsules, representantes de altas autoridades, jornalistas e universitários participaram da sessão especial realizada no dia 16 de junho p. passado, comemorativa do 68.º aniversário da imigração japonesa, iniciada oficialmente quando da chegada ao porto de Santos do navio "Kassato Maru", que trouxe os pioneiros. Abertos os trabalhos, o Vereador Mario Hato, lider do MDB, saudou as autoridades presentes, inclusive o Vereador Mário Osassa, Secretário Municipal do Abastecimento.

Assimilação — O orador oficial, Vereador Celso Matsuda, lembrou inicialmente os primeiros anos da imigração japonesa, marcados por enormes dificuldades. Disse a seguir:

"O espírito de trabalho e a vontade de progredir frutificaram de forma relevante. Segundo um censo realizado em 1958, tomando-se o caso de status agrícola, vê-se que a porcentagem de colonos diminuiu de 87,9% para 2,9% ao passo que a de proprietários aumentou de 5,1% para 64,0%.

Por outro lado, a grande maioria dos imigrantes japoneses, 83,% conseguiu adquirir o status de classe média na estratificação social brasileira. Com isso, a coletividade de origem japonesa no Brasil vem constituindo, tal como aconteceu com outras correntes imigratórias, uma camada social própria e, ao mesmo tempo, tende a dispersar-se em todos os grupos sociais desta portentosa oficina. Embora os padrões de comportamento sejam regidos pelos respectivos grupos, os imigrantes não podem ainda abrir mão da bagagem cultural trazida do país de origem. Entretanto, é um fato inegável que os imigrantes se acham cada vez mais propensos à aceitação dos padrões de vida vigentes no Brasil. E a assimilação acontecendo, para o bem de todos os homens, que sempre são iguais perante o cheiro da terra.

Atividades políticas — Um outro fenômeno digno de menção refere-se às atividades políticas. Há por parte dos japoneses e descendentes interesse cada vez maior em participar da política, tanto no âmbito local como no nacional. As agremiações dos nisseis, principalmente em São Paulo, desenvolvem atividades culturais além das recreativas e sociais. Temos a honra de colaborar na administração pública do Brasil com vários filhos de imigrantes japoneses, eleitos pelo povo, deputados federais, deputados estaduais, prefeitos e vereadores, em todas as partes, culminando mesmo com a nomeação de um filho de japoneses da cidade de Bastos, para o elevado cargo de Ministro de Minas e Energia.

É ponto pacífico a existência do imigrante japonês ou de um seu descendente em todos os ramos da atividade humana no Brasil. Tal integração deve-se em muito ao Governo Japonês, que procurou conhecer a realidade sócio-econômica brasileira e oferecer, aos seus imigrantes, condições de adaptação a curto prazo no Brasil, governo esse que, lutando contra uma série de limitações naturais — tais como escassez de terras cultiváveis, combustíveis minerais, matérias-primas indispensáveis à indústria, recursos energéticos — conseguiu elevar o padrão de vida de uma população que praticamente triplicou na segunda metade do século XIX até a primeira do século XX, além de colocar o Japão na justa posição de terceira potência industrial do mundo.

O Império do Sol Nascente, respeitado por todos, pela cultura, inteligência e a grande tecnologia de seu povo, tem no Brasil um grande país amigo, de portas abertas a todos os japoneses que aqui gozam de todos os direitos, como se estivessem em sua pátria, motivo que nos faz rejubilar no dia de hoje, ocasião em que formulamos os nossos votos para que a amizade entre os povos do Brasil e do Japão a cada dia que passe mais se solidifique e mais se estreitem os laços que unem as duas grandes comunidades do Oriente e do Ocidente", concluiu o Vereador Celso Matsuda.

O sacrifício dos pioneiros — O consul-geral do Japão em São Paulo, Sr. Fumio Hiramo, proferiu o seguinte discurso:

"Constitui, para mim, motivo da mais elevada honra poder fazer esta saudação, no Dia da Imigração Japonesa no Brasil", em nome do Governo japonês, nesta Sessão Solene que a gloriosa Câmara Municipal de São Paulo faz realizar hoje.

A história da imigração japonesa no Brasil, que se inicia com a chegada do "Kassato Maru", em 1908, sempre foi marcada pela vinda contínua de ja-





O Jardim japonês, (aspecto parcial).

poneses ao Brasil, embora com altos e baixos, no número de imigrantes. Essa corrente imigratória, aqui espraiada em "nissei", "sansei" e até mesmo "yonsei" (isto é, segunda, terceira e quarta geração de brasileiros), forma hoje uma coletividade nipo-brasileira de setecentas mil pessoas.

Os japoneses que de início vieram dedicar-se à agricultura, foram aos poucos desenvolvendo suas atividades no comércio e na indústria, prestando grande contribuição ao extraordinário desenvolvimento econômico-social do Brasil.

Somos, além disso, testemunhas da intensa atuação de numerosos descendentes de japoneses na Política, nas Ciências e nas atividades culturais.

Com o passar dos anos, as relações de amizade, confiança mútua e estreita cooperação tem-se fortalecido cada vez mais, o que é motivo da mais profunda alegria para todos nós.

No próximo mês de setembro, o Presidente Geisel irá visitar o Japão, consolidando esses laços de amizade. Mas entendo que as duas nações devem ampliar mais e mais as áreas de cooperação mútua, a fim de, como bons sócios contribuirem para a paz mundial.

Para isso, é necessário que japoneses e seus descendentes continuem a dar de si os melhores esforços para a construção da sociedade brasileira.

Mas, não se pode esquecer que a dinâmica colônia japonesa de hoje é o fruto dos pioneiros e colonizadores que, vindo ao Brasil, e aqui enfrentando inúmeras dificuldades, como o de clima, língua, costumes e o período da guerra mundial, souberam a tudo vencer, com esforços e sacrifícios.

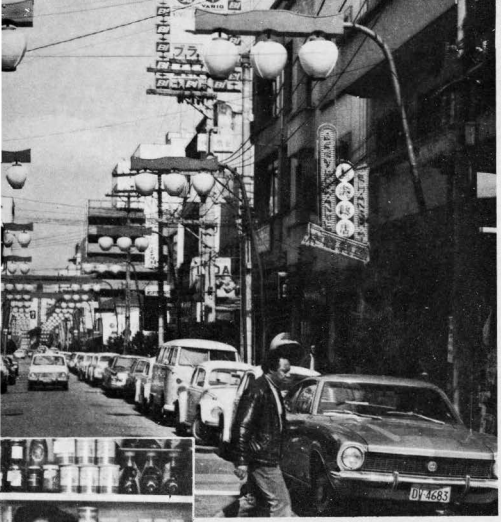
Por isso, a data de hoje é a eles dedicada, como a mais profunda homenagem.

Associo-me pois, a esta homenagem, com sincera admiração e concito a todos para que se empenhem no desenvolvimento das relações nipo-brasileiras, tendo sempre presente o dignificante exemplo que eles souberam dar.

Ao finalizar quero deixar consignada a minha profunda gratidão por este nobre gesto da Câmara Municipal de São Paulo, que quis comemorar em sua Casa mais este aniversário da imigração japonesa.

À Cidade de São Paulo e à Câmara Municipal de São Paulo, os meus votos de crescente prosperidade.

Aos nobres vereadores e a todos aqui presentes, minhas sinceras felicitações."



A principal rua do Bairro Oriental, predominantemente japonês.



Ela é japonesa, o filho brasileiro. Ambos integraram-se rapidamente: amam este país.



Prefeito Emérito Paulo Salim Maluf

Em sessão solene da Câmara, o Sr. Paulo Salim Maluf recebeu o título de "Prefeito Emérito". Um auditório repleto aplaudiu com sucessivas salvas de palmas o ex-Prefeito e o autor da propositura, Vereador Antonio Sampaio, quando ambos pronunciaram discursos.

A Presidência dos trabalhos coube ao Vereador Samir Achôa, que destacou traços da personalidade do homenageado, pondo também em relêvo as obras realizadas em sua administração, que considerou "valiosa para a cidade".

Personalidades presentes — Participaram da mesa diretora da solenidade, o Governador Paulo Egídio Martins, o Vice-Governador, Manoel Gonçalves Ferreira Filho, os ex-Governadores Lucas Nogueira Garcez e Abreu Sodré, o presidente Regional da Arena e o Secretário dos negócios Extraordinários da Prefeitura, Sr. Claudio Lembo, o ex-ministro da Justiça, prof. Alfredo Buzaid, o Secretário do Turismo, sr. Armando Simões Neto, o sr. Henry Aidar, representando o ex-Governador Laudo Natel, o presidente do Tribunal Municipal de Contas, jornalista Paulo Planet Buarque, José Papa Junior, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, José Edgard Pereira Barreto Filho, vice-presidente dessa Federação, Fábio Sales Meirelles, presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, William Abib, consul-geral do Líbano, Alfredo Cury, consul-geral da Jordânia, deputados federais Amaral Furlan, João Pedro de Carvalho Neto, da ARENA e Adalberto Camargo e Rui Codo, do MDB, Chaves Amarante, coordenador da bancada federal arenista e a esposa do homenageado, da. Silvia Maluf.

Administração atuante — Saudando o Prefeito Emérito, o Vereador Antonio Sampaio realçou sua presença na administração pública e na liderança da iniciativa particular, como Prefeito. Secretário de Transportes do Estado e Presidente da Associação Comercial de São Paulo, cargo para o qual foi eleito com expressiva votação.

"Sua passagem pela Prefeitura de São Paulo foi marcada por uma gestão das mais atuantes, no momento em que a cidade enfrentava problemas sérios em face do seu crescimento, exigindo, a curto prazo, a realização de grandes obras públicas e de largo alcance social. O volume de concreto armado utilizado nos 23 meses da sua administração foi superior ao empregado de 1960 a 1968, o que dá bem uma idéia do ritmo de trabalho imprimido, registrando-se na maioria das obras, atividade ininterrupta de 24 horas diurturnas, seja para cumprimento dos prazos contratuais de execução, seja fundamentalmente para dotar a cidade de melhoramentos que o seu desenvolvimento exigia sem quaisquer postergações", disse o orador



Enumerou, a seguir, obras importantes de autoria do ex-prefeito Maluf nos diferentes setores da administração, inclusive no da saúde pública, com a elevação do número de leitos de 500 para 1.500 possibilitando o atendimento de 1.900.000 pessoas por ano; o mesmo ocorrendo no setor da educação. Lembrou que foi exatamente em sua administração que se conseguiu o aval do governo federal para 110 milhões de dólares destinados ao Metrô de S. Paulo, o que permitiu o prosseguimento ininterrupto dessa obra que hoje presta relevantes serviços no setor de transporte de massa."

"Espírito empreendedor — Agradecendo, o Prefeito Emérito lembrou a predestinação de São Paulo, as conquistas dos bandeirantes, que considerou "a maior epopéia colonizadora do mundo", afirmando em seguida que provavelmente os bandeirantes já tinham a intuição de que estavam criando uma grande nação."

"Ficou dessa maravilhosa aventura humana — prosseguiu — uma vocação imponderável que palpita nas fibras de todo nosso povo, a de ocupar espaços, a de desbravar sertões, a de conquistar novas fronteiras."

Lembrando outras etapas do desenvolvimento paulista, o ex-Prefeito assinalou:

"São Paulo cresceu velocissimamente animado pelo espírito empreendedor do paulista, transformando-se numa das maiores capitais do mundo, com seus quase 12.000.000 de habitantes, computados os da Grande São Paulo. Ficando, porém, somente no município paulista, temos, hoje cerca de 8.000.000 de habitantes em números redondos. É imenso, mas sobretudo é excepcionalmente singular, como metrópole, como cidade gigantesca. Conheço as maiores cidades do mundo. Posso afirmar, sem bairrismo, que, se nascesse novamente, e se Deus me desse alternativa de escolha, eu escolheria São Paulo para nascer e aqui viver. Porque São Paulo é terra de gente boa e amiga; é terra sem discriminações raciais. Porque São Paulo, por sua representatividade racial e étnica, é a mais brasileira e a mais universal das cidades."

A realidade paulistana — O que importa assinalar sobre São Paulo é que esta cidade se destaca do mundo como uma das grandes metrópoles do presente e do futuro, e, para os paulistas de nascimento ou assimilação um dos grandes paradigmas, o paradigma do empreendimento corajoso, do risco para construir. A conquista do território nacional, nas suas dimensões praticamente atuais; a arrancada do desenvolvimento econômico; a sede da tecnologia nacional, e o horizonte da nação gigante, vislumbram-se de São Paulo."

Amor à cidade, respeito ao povo — Tudo quanto fiz, continuou, tudo quanto realizei, todas as minhas iniciativas, as quais são do conhecimento de todos, foram animadas pelo amor à minha cidade e pelo respeito que tenho ao seu povo.

Ressalto, porém, senhores vereadores, que todo o meu trabalho, a execução de vasto programa de ativi-

dade, as iniciativas todas, corporificadas em obras, foram possíveis graças ao apoio incondicional que tive dos presidentes Artur da Costa e Silva e Emilio Garrastazu Médici; o apoio do governador do Estado de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré, que me nomeou: o apoio dos excelentíssimos senhores vereadores que nunca me faltaram e, ainda o apoio do governador Laudo Natel que, confiando-me a Secretaria dos Transportes, permitiu-me ajudar na construção da Rodovia dos Imigrantes, no projeto do anel rodoviário, no plano da via norte, todas essas obras de interesse da capital. Agradeço, nesta oportunidade, a todos os que comigo trabalharam, os secretários municipais, os titulares de Departamentos, os diretores de autarquias e empresas de economia mista, os administradores regionais; agradeço, ainda, às minhas sempre queridas Sociedades Amigos de Bairro, cognominadas, funcionários públicos municipais gratuitos à serviço da população, o Lions, o Rotary, as Classes Produtoras, os Clubes de Serviços, e aos funcionários municipais que, com dedicação e entusiasmo, colaboraram com minha administração."

Obras sociais — E destacou: "à minha querida mulher e companheira Silvia o meu reconhecimento pelo muito que executou a favor das obras sociais, durante a minha gestão na Prefeitura de São Paulo.

Senhores Vereadores, como homem público, não poderia ser melhor aquinhoado pela sorte, do que, ao receber nesta Augusta Casa o título entre todos honroso de Prefeito Emérito. Ser Prefeito Emérito da cidade de São Paulo constitui honra elevadíssima. Não tenho outras palavras para agradecer tão alta distinção, recebida dos vereadores da Arena e do MDB do que lhes afirmando, que continuarei, enquanto Deus me der vida, a trabalhar por São Paulo e pelo Brasil, pela cidade da qual fui prefeito, pelo povo que nela vive e pela nação que é de todos nós. Se correspondi ao título a mim concedido pelas dignas representações partidárias, que tanto fazem por São Paulo, nesta Casa, asseguro-lhes que nunca os decepcionarei. Vossas Excelências, senhores vereadores, que tratam Sao Paulo com amor e põem todo o esforço no engrandecimento da cidade que é nossa, terão, sempre, em mim um parceiro para o trabalho em pról da coisa pública e de suas causas. Muito obrigado pela honra que me concedem e pela alegria que me proporcionam, concluiu o Prefeito Emérito.

Volpi vive em "estado de glória"



Ele recebeu mais uma medalha de ouro que a Câmara lhe ofereceu

O seleto auditório que lotou o nobre salão da Câmara bateu palmas, de pé, quando ele entrou, ao cair da noite de 6 de julho último, para receber a medalha de ouro que lhe foi oferecida em nome desta cidade e por vontade unânime dos Vereadores. Saudou-o o autor da idéia, o presidente Sampaio Dória. E Alfredo Volpi, o homenageado, agradeceu com três palavras. *Um exemplo de tantas virtudes.*

Antes de lhe entregar a medalha, o Presidente da Câmara proferiu a saudação que a seguir transcrevemos:

"Algumas vêzes os atos e as deliberações desta Casa refletem sentimentos, anseios e objetivos de uma parcela apenas da comunidade que lhe cumpre representar. Noutras, porém, os sentimentos refletidos são verdadeiramente coletivos, generalizados, comuns a todos os paulistanos.

Conquanto suspeito para incluir entre estas últimas a presente homenagem pública a Alfredo Volpi, por ter sido minha a iniciativa de submetê-la a meus pares, creio poder afirmar que assim como aqui, no Plenário da Câmara Municipal de São Paulo foi unânime a aprovação à proposta, assim também haveria de ser uma só, uniforme e inquestionável a acolhida a êste ato por parte de todos aqueles que de algum modo estejam ligados ao mundo da arte e da cultura entre nós, se a êles se tivessem estendido a consulta.

O circunstancial pretexto de que nos valemos a exemplo de outras entidades públicas e privadas de São Paulo, para formalizar a outorga desta honraria ao admirado pintor brasileiro — a comemoração de seu octogésimo aniversário de nascimento — pouco significado em si mesmo apresenta aos nossos olhos, excetuado naturalmente o fato de que é espantoso e surpreendente, porque raro e porque grandioso, vê-lo neste estágio da existência ainda dotado de tamanha vitalidade, disposição de trabalho, obsessão criativa e apego a sua arte — rica,

virtuosa, pura e colorida arte. O que importa em verdade ressaltar é o exemplo de autenticidade cultural, de honestidade intelectual, de naturalidade absoluta acima de tudo, de fidelidade a si próprio, aos próprios sentimentos, aos próprios impulsos e inclinações e às concepções que do mundo, dos homens e das coisas, especialmente do mundo, dos homens e das coisas simples, elaborou para si mesmo, para a partir delas e através de seu talento — tão mais cativante quanto mais despretensioso — expressá-las em arte de profundo sentido humano a seus semelhantes.

E por falar em simplicidade, não constitui tarefa simples para o leigo, ainda que muitíssimo honrosa para o político, avaliar com precisão e propriedade uma personalidade artística de suas dimensões, de sua originalidade, de sua independência, consagrada pela crítica e pelo público em exposições nacionais e internacionais de renome e prestígio e que a despeito disso tudo teima em viver quase obscuramente, indiferente à fama e às honrarias, sentindo-se mais do que nunca artista, mais do que nunca homem, mais do que nunca consciente de seu poder de criação, absoluto e orgulhoso quando só, com sua arte, diante da tela, pintando para a posteridade."

Um brasileiro nascido em Lucca

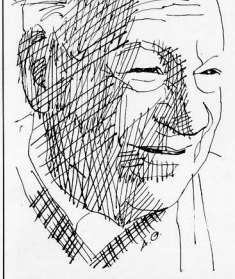
— De poucas palavras, o velho Volpi ou o moço Volpi, como quiserem. Tem, dentro do coração, a alegria de um adolescente inquieto. Quando lhe deram a palavra, ao lhe outorgarem a medalha de ouro, que êle olhou e guardou no bolso, disse apenas três palavras: "agradeço a homenagem!" Nem mais nem menos.

Quando seus pais, em outubro de 1897, chegam a São Paulo, trazem um tesouro que a graça de Deus lhes havia dado em Lucca, na Toscana. É uma criança igual a outras, que a mãe acarinha e o pai, um comerciante que trazia queijos e vinhos, para tentar a vida no Brasil, quer que seja um homem. "Salute e figli maschi. Tante grazie..."

Numa venda, na rua do Lavapés, a criança que nascera em 14 de abril de 1896, começa a conhecer seu universo, do qual nunca desejou libertar-se, o velho bairro do Cambuci, onde famílias italianas que preferiram o comércio e empregos, vão se fixando.

Numa escola da rua Mazzini, dirigida por professores seus patrícios, Alfredo faz seus primeiros desenhos. Tem boas lembranças desse tempo. Um dia, a professora olhou um de seus trabalhos e adivinhou: — este menino vai ser um grande pintor.

Alfredo não ligou para o vaticínio. Gostava de desenhar, mas também de participar das brincadeiras de seu tempo. De manhã e depois das aulas, brincava com os meninos de sua idade. Chegou a jogar futebol, mas se considera um "perna de pau", como se dizia naquele tempo. "Bom era o Rebolo, que era craque no Corintians. Um ponta esquerda que tinha um chute de machucar as traves...", lembra-se ele de seu colega. Moços iriam encontrar-se nos caminhos da vida e da pintura. Falavam a mesma linguagem, das tintas e das cores, fi-



xadas nos quadros, irmãos em arte. Raramente, Volpi encontra hoje os velhos companheiros da "Família Artística Paulista". Muitos morreram e se Rebolo mora em São Paulo, Clóvis Graciano está na França, na condição de adido cultural da embaixada brasileira.

Os três, Volpi, Rebolo e Graciano, sempre fiéis à mesma origem, sempre independentes, donos de uma visão de vida reservada aos grandes artistas.

O repórter que visita Volpi em sua casa, onde os netos lhe respeitam o ateliê, encontra-o, como sempre, alegre, lépido, lúcido. Fala com saudade da esposa, Judite (Benedita da Conceição Volpi), que foi também pintora, sem passar como êle também, por nenhuma escola. Guarda dela alguns quadros e uma lembrança feliz do casamento, que durou até 1972, quando ela morreu.

Volpi dorme pouco, pinta muito. Fuma o cigarrinho de palha, que ele mesmo prepara, com fumo goiano ou mineiro. De madrugada, às vezes se levanta e vai continuar o trabalho que interrompera. Tem uma coleção de quadros e objetos de arte, no ateliê e nas paredes da casa. Ouve o canto dos passarinhos, adora a filha, Eugenia Maria e os netos.

Foi em 1911 que êle iniciou sua profissão de decorador de paredes. Anos antes, observando o que os artistas italianos faziam nesse campo, foi construindo o seu mundo. Lembra-se de ter ficado horas e horas a acompanhar o trabalho de entalhadores. Muitos palácios das áreas ricas da cidade lhe deram subsistência e folga financeira. Na verdade, êle nunca se preocupou com dinheiro, mas sabe que dele necessita. Ganhava um conto de réis, aos quinze anos, para decorar a parede de um solar de fazendeiro de café, gastava o dinheiro e sempre tinha clientes, que ficavam na fila, como até hoje tanta gente lhe disputa os quadros.

"Ganhava e gastava", ele diz, recordando em seguida, sua viagem à Itália, em 1950, onde ficou seis meses, na "dolce vita" de não pintar, de ver, de observar tudo, de viver intensamente. Essa viagem teria sido feita por Rebolo, que desistiu e lhe deu chance. Não tinha dinheiro, mas acertou com os patrocinadores, que pintaria vinte e tantos quadros, em pagamento, quando voltasse. E cumpriu.

Nos dias de sol, Volpi sai pela manhã, a andar pelas ruas do bairro de tantas lembranças felizes. Vê que o Cambuci está mudando, as velhas casas desapareceram, surgiram os prédios de apartamentos, mas êle mora ainda em uma casa de dois lances, no fundo a oficina de seu trabalho, os pássaros. As velhas casas estão em seus quadros, na sua lembrança. Enfrenta a vida com uma disposição rara, é um brasileiro forte, nascido em Lucca, um lucense do Cambuci, "em estado de glória", como disse o poeta Paulo Mendes de Almeida.

"Ostia" — O crítico Paulo Mendes de Almeida, em outubro de 1975, apresentando a Retrospectiva de Alfredo Volpi, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, sob o patrocínio da Secretaria de Cultura, Ciência e Técnologia e da Prefeitura de São Paulo, sob o título "Ostia", disse.

"Em 1937, fundou-se a "Família Artística Paulista". A esse movimento vieram se juntar aqueles artistas componentes de um pequeno núcleo, ao qual mais tarde se daria a denominação de "Grupo do Santa Helena". Dele fazia parte Alfredo Volpi. Tocou-me redigir as palavras com que

se fez a apresentação da "Família", em sua primeira exposição, inaugurada a 9 de novembro daquele mesmo ano, num dos salões do Hotel Esplanada. Em verdade, praticamente, naquela ocasião ninguém deu bola para essa mostra, como ninguém dava bola para os artistas que a integravam. Refiro-me, aqui, é evidente, à crítica de arte militante "in illo tempore" e não ao público em geral que, de resto, como era de se esperar, mostrou-se indiferente também.

Mas a "Família" era teimosa. E assim, acrescida de novos elementos, realizava em 1939 sua segunda apresentação, no subsolo do prédio do Automóvel Club. Paulo Rossi Osir (que era a alma do movimento) receava que se repetisse o que acontecera com a primeira exposição. E, no empenho de evitá-lo, pediu-me que, a título de divulgação, fizesse uma crítica detalhada da mostra. Embora um tanto cético, em relação ao que pudesse valer o meu concurso, acedi, com prazer, ao seu pedido. E escrevi uma série de artigos que foram publicados, em junho de 1939, no "Diário da Noite". Em breves referências, de quinze ou vinte linhas para cada um, percorri todos os expositores — pelo que, sem modéstia, reclamo para mim a primazia no assim tratar as apresentações coletivas.

De Alfredo Volpi, dentre outras coisas, disse, então, o seguinte:

"É este pintor uma das mais fortes individualidades da "Família". No que faz, deixa sempre a "marca de fábrica" do seu temperamento. É alguém que encontrou sua forma de expressão. Seu progresso se realiza sem vacilações. Tomou uma estrada e nela se aprofunda. É pictórico por excelência... Tenho a impressão de que Volpi descobriu a chave dos seus problemas artísticos. O resto é realizar as operações, trabalhar."

Isto foi em 1939. E a referência só vale para dar a dimensão melancólica da minha... antiguidade na exaltada admiração, nunca esmorecida, por Alfredo Volpi.

Não e, pois, sem uma certa e um tanto paralisante emoção que, na qualidade de Presidente da Comissão de Arte do M. A. M., de São Paulo, venho aqui dizer algumas palavras (que não pretendem a estudo nem ensaio crítico), ao ensejo da realização da retrospectiva do grande pintor —retrospectiva essa que é uma homenagem que o Museu estava a lhe dever e que é promovida no pórtico, por assim dizer, da data em que ele perfaz seus oitenta anos de idade. Que esta mostra seja considerada, pois, o marco inicial das homenagens que lhe deve a Nação, cujo patrimônio cultural ele enriqueceu sobremaneira.

Muito se escreveu, muito se disse sobre a obra singular de Alfredo Volpi. Quase sempre em termos de justificada exaltação, os maiores, os melhores nomes de nossa crítica especializada lhe têm conferido os mais significativos louvores. Mas, ainda há muito que escrever e dizer, sobre essa obra magistral, tão simples e ao mesmo tempo tão complexa.

Num ponto, contudo, são concordes todos os seus exegetas. a extrema fidelidade desse homem a si mesmo e à sua obra. Ele é um telúrico,



ligado porém à terra apossada, subjugada pelo cimento e pela poluição.

Retomando o tom do que escrevi em 1939, acrescentarei que Volpi trabalhou, em termos de ascese, todas as horas e minutos de sua longa vida, conseguiu "realizar todas as operações", sem se apartar de suas origens, de sua visceral imanência. Conservou-se virgem — "ostia"! E continuando a ser, como desde todos os tempos, um simples homem do Cambuci, sem embargo chegou à glória. Pois, em verdade, sem que ele mesmo o perceba, é em estado de glória que Alfredo Volpi se encontra."

Premios e exposições — Em 1925, onde anos depois de pintar a primeira paisagem, Volpi participa de uma coletiva no Palácio das Indústrias, em São Paulo; três anos depois, conquista a primeira medalha de ouro no Salão de Belas Artes, Muse Italiche; em 1933, frequenta as sessões do modelo no Santa Helena; em 1937, participa da exposição da "Família Artística Paulista" e um ano depois do II Salão de Maio; em 1939, participa de outra exposição da Família Artística Paulista. em 1941, expõe no I Salão da Osirarte e no I Salão de Arte da Feira Nacional da Indústria; conquista os prêmios dos monumentos São Miguel e Embu; em 1943, expõe no Salão Nacional de Belas Artes, no Rio; em 1944, realiza sua primeira exposição individual e participa em Belo Horizonte de uma coletiva, organizada por Guignard; em 1946 expõe na Galeria Domus, em São Paulo e em 1949, em uma coletiva de artistas paulistas, no Rio; em 1951, expõe no I Salão Paulista de Arte Moderna e na I Bienal de São Paulo; em 1952, na XXVI Bienal de Veneza; no ano seguinte, conquista o prêmio "Melhor Pintor Nacional", ex-aequo, com Di Cavalcanti, na II Bienal de São Paulo; em 1954, expõe na XXVI Bienal de Veneza e na Exposição Brasileira, na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Roma; em 1955, recebe o prêmio "Governo do Estado", no IV Salão Paulista de Arte Moderna e expõe em São Paulo, na Galeria Tenreiro, no ano seguinte, realiza duas exposições individuais: no Museu de Arte Moderna de São Paulo e na Exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna; conquista, em 1957, o Prêmio Guggenheim e expõe na Fundação Guggenheim, em Nova York e na V Mostra Internacional de Arte, em Tóquio, um ano depois de ter realizado afrescos para a capela de N. S. de Fátima, em Brasília; expõe em galerias, nos anos seguintes; tem uma sala especial na VI Bienal de São Paulo e conquista, em 1962, o Prêmio "Crítica de Arte", outorgado ao "Melhor Pintor Brasileiro (Rio de Janeiro). Na Galeria de Arte da Casa do Brasil, em Roma e em Stuttgart, expõe, em 1963, voltando a participar, em Veneza, da XXII Bienal. Depois de expor, em 1965, na Petite Galerie, no Rio, aparece na I Bienal da Baía e em numerosas galerias, nos anos seguintes. Em 1969, a Galeria de Arte Cosme Velho expõe seus trabalhos, em "Vinte Anos da Pintura de Alfredo Volpi e, em 1970 conquista o prêmio "Museu de Arte Moderna de São Paulo, conquistando em 1971, o "Golfinho de Ouro"; depõe para a posteridade, no Museu da Imagem e do Som, do Rio, em 1971 e em 1972, realiza Retrospectiva, no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro. Recebe, em 1973, a Ordem de Rio Branco, no grau de Grão Mestre, a Ordem do Mérito, da República Italiana e o prêmio "Associação Paulista dos Críticos de Arte".

A morte de um idealista que amou as crianças

Renato da Costa Bonfim um pioneiro que criou a Associação de Assistência à Criança Defeituosa

Causou profunda tristeza a morte do inspirador criador, alma e coração da Associação de Assistência à Criança Defeituosa. A Câmara Municipal, que estava ligada a Renato da Costa Bonfim pela admiração que devotava ao seu idealismo, rendeu-lhe homenagem: Conservou um minuto de silêncio, compareceu e representada por Vereadores, ao funeral e guarda de sua vida edificante, lembranças muito vivas, que começam quando Renato idealizou a AACD, instalando-a num velho prédio da rua Barão de Piracicaba, continuam nas lutas do cotidiano, até chegar ao edifício próprio, no caminho do Aeroporto, cobrindo toda uma jornada de sacrifícios em benefício de centenas de crianças que o consideravam um pai. Arredio ao elogio, o criador da AACD, sentia-se até constrangido quando ligaram seu nome à sua obra. E alegre, comunicativo, quando alguém se interessava por ela. Ele criou uma mentalidade assistencial e pode vê-la engrandecida e respeitada. Desejava que ela fincasse as raízes que fincou, para que as crianças que considerava suas filhas, num gesto de retribuição ao amor que elas lhe consagravam, pudessem continuar, juntamente com as outras que a AACD vai auxiliando, ao longo dos anos, a serem amadas.

Dos últimos dias de vida de Renato da Costa Bonfim, Vereança se lembra do encontro em que lhe foi mostrar seu segundo número. Seus olhos iluminaram-se quando viram o anúncio da segunda página, que republicamos, no mesmo lugar. Tantos anos passados e a cena se repetia, igual àquela no velho prédio em que a AACD estava nascendo, quando ele folheava os jornais e lia que a instituição impunha-se ao respeito do povo.

Biografia do idealista – Ele nasceu em 14 de outubro de 1901 em Espírito Santo do Pinhal (São Paulo). Filho do médico Francisco de Azevedo Bomfim e de da. Dulce da Costa Bomfim.

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1.928, ano em que foi presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, daquela faculdade. Desde os primeiros anos da sua carreira, dedicou-se à especialidade de Ortopedia e Traumatologia, tendo sido bolsista durante um ano do Instituto Rizzolli de Bologna (Itália) onde foi discípulo do célebre ortopedista italiano Vitorio Putti. Fez também um curso de pós-graduação na Clínica de Fraturas em Viena, sob a direção do prof. Lorenz Bohler. No período de 1.930 à 1.939 foi assistente da cadeira de Cirurgia Infantil e Ortopédica da Faculdade de Medicina de São Paulo, onde trabalhou com o mestre e grande amigo Rezende Puech, do qual foi admirável colaborador. Participou ativamente com os professores Rezende Puech, Aquiles de Araújo, Inacio de Barros Lima e Domingos Define, nos trabalhos da fundação da Sociedade Brasileira de Ortopedia, do qual foi secretário durante 5 anos e seu presidente em 1.950. Nesse mesmo ano foi presidente do Congresso da Sociedade Brasileira de Ortopedia realizado em São Paulo.

Em 1.944 a convite do coordenador de Assuntos Interamericanos visitou diversas clínicas ortopédicas em várias universidades dos Estados Unidos. Nessa viagem, teve oportunidade de visitar também, pela primeira vez, serviços de reabilitação para crianças defeituosas e adultos incapacitados. A partir dessa época tornou-se um apaixonado pela Reabilitação da qual foi um dos pioneiros não só no Brasil, mas também na América do Sul. Nessa época a Reabilitação era praticamente desconhecida no Brasil, mas Renato Bomfim, com a sua larga visão, vislumbrou o quanto seria útil ao incapacitado físico obter orientação e tratamento global em clínicas especializadas. Dentro desse sadio princípio médico científico, aliado aum sentimento de profunda brasilidade, Renato Bomfim, apoiado por amigos fundou em 1.950 a Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD). Para essa entidade ele trabalhou com raro entusiasmo, ininterruptamente, até os seus últimos dias.



A AACD, alma e coração de Renato Bonfim.

Durante estes 26 anos de trabalho na presidência dessa Instituição, foi excelente administrador e dinâmico inovador.

A Associação de Assistência à Criança Defeituosa sob sua direção cresceu rapidamente e hoje é um dos mais modernos Centros de Reabilitação da América do Sul, atendendo em média quase 400 pacientes por dia.

Foi um incansável batalhador em prôl da educação para deficientes físicos e sob sua direção foram criadas várias classes especiais para deficientes físicos, anexas a Grupos Escolares da nossa Capital.

Criou a Oficina Ortopédica da AACD que fabrica aparelhos e membros artificiais que já beneficiou milhares de deficientes físicos em todo o Brasil. Esta oficina também é um centro de formação de técnicos em aparelhos ortopédicos e próteses, e o número de alunos não só do Brasil, mas também de várias partes da América Latina e Europa formados nos cursos atinge duas centenas.

Com seu entusiasmo pela causa da Reabilitação, conseguiu motivar vários nomes ilustres da sociedade paulista, trazendo-os para chefiar campanhas de arrecadação de fundos anuais em benefício da criança defeituosa.

Renato Bomfim mantinha profícua atividade científica, comparecendo a congressos médicos apresentando e publicando trabalhos científicos.

Seu pioneirismo em Reabilitação foi internacionalmente reconhecido quando em 1.963 recebeu na Dinamarca o Prêmio Albert Lasker de Reabilitação outorgado pela International Society for Rejabilitation of the Disabled, na pessoa do seu diretor Howard Rusk, diretor do Fundo Mundial de Reabilitação de Nova York.

Era membro efetivo e atuante de várias sociedades médicas e internacionais.

Era casado com da. Odila Bomfim, companheira inseparável.

Pesar – Manifestaram seus sentimentos de pesar pela morte do presidente da AACD, os Vereadores Sampaio Dória, Antonio Sampaio, Mário Hato, Edvaldo Varjão, José Bustamante e Brasil Vita.

O PÁTIO DO COLÉGIO



Cesar Salgado autografa seu último livro.



O historiador Cesar Salgado, tendo à sua esquerda os profs. A. C. Pacheco e Silva e Alfredo Buzaid e à direita, o prof. Ernesto Leme.

No dia 15 de junho, um encontro que teve a participação de escritores, professores universitários e acadêmicos da Academia Paulista de Letras, saudou, na "A Baiuca", em um coquitel, o lançamento do livro "O Pátio do Colégio — História de uma Igreja e de uma Escola." Seu autor, o historiador César Salgado, da Academia Paulista de Letras, oferece valioso documentário da origem da cidade e recorda todas as etapas significativas da Campanha Pro-Reconstrução da Igreja do Pátio do Colégio, da qual é presidente.

Um lugar na História — *As primeiras críticas, elogiosas ao trabalho, mostram como o livro foi bem recebido. Em "Tradição e Cultura", seção que mantem no Diário Popular, o escritor A.B. Galvão Bueno Trigueirinho, assim se manifestou, em 27-6-76:*

Cesar Salgado, de há muito já conquistou o seu lugar na história. Sua atuação no Ministério Público, caracterizado por imperteritas decisões, a autoria do "Decálogo" e outros feitos baxtariam para transformá-lo em bronze. Como se tudo não fora bastante, agora vem de publicar o seu livro "O Pátio do Colégio — História de uma Igreja e de uma Escola". Obra que se reveste de excepcional importância. É o primeiro tratado procurando sistematizar assunto tão caro — de uma Igreja e de uma Escola, testemunhas e cenários das origens, de formação e do desenvolvimento da Civilização Paulista. Não há historiador que não tenha versado este ou aquele aspecto dessa fascinante história. Mas nenhum ousou englobar o tema. Há um opúsculo do saudoso padre Pedreira de Castro, precioso pela fidelidade, contudo apenas enumerativo dos principais eventos alí ocorridos. Recentemente, o Arquivo Municipal, com a colaboração do Instituto Genealógico Brasileiro, editou uma coletânia de magníficos trabalhos sobre o Pátio do Colégio, no gênero poliantéia e da qual participaram insignes historiadores. Ao citar essas obras, não nos move qualquer idéia de comparação, mesmo porque são de dimensões diferentes. Apenas situar o pioneirismo de César Salgado. Outro propósito do autor foi o de responder àqueles que injustificadamente têm criticado e combatido a justificadissima reconstituição da Igreja e da Escola.

Nesses capítulos se fundem o historiador e o promotor. A obra toma proporções de um julgamento e os personagens que participaram pró ou contra a reconstituição recebem os vereditos a que fizeram jus. Finalmente, a elegância do estilo, o requinte no trato do idioma comprovam o sempre escritor, literato e acadêmico, José Augusto César Salgado."

APOIO AO HOSPITAL S. PAULO

A Câmara, na última sessão ordinária do primeiro semestre, aprovou em segunda discussão, encaminhando imediatamente à sanção do Prefeito, o projeto que ela própria inspirou ao Executivo, determinando a abertura do crédito de cinco milhões de cruzeiros, destinado a modernização do centro cirúrgico do Hospital São Paulo, da Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina. A sessão, presidida pelo Vereador Brasil Vita, contou com o comparecimento dos srs. Horácio Kneese de Melo e José Carlos Prates, diretores do Hospital São Paulo e da Escola Paulista de Medicina, que foram homenageados pelos Vereadores Brasil Vita, Mário Hato, Edvaldo Varjão, José Bustamante, Luís Peixoto e Celso Matsuda.

COMPOSIÇÃO URBANÍSTICA DA PRAÇA DA SÉ

Com o propósito de estabelecer normas para urbanização, reurbanização, construção ou reformas de prédios nas praças da Sé e Clóvis Bevilacqua, e adjacências, onde atualmente a Prefeitura e o Metrô executam demolições, o Vereador Vicente de Almeida propôs projeto que tomou o número 62-76.

As obras em andamento ocupam uma área enorme, antes tomada por edifícios construídos nas duas praças e ruas vizinhas e têm provocado, nas reuniões ordinárias da Edilidade, animados debates. Aguardam os representantes da ARENA e do MDB a definição dos organismos técnicos do Executivo sobre a composição urbanística daqueles logradouros, tendo em vista também a construção da maior estação metroviária da cidade.

O projeto — *O projeto declara áreas "non aedificandi" todos os terrenos sem edificações ou com edificações que vierem a ser demolidas, na praça da Sé, na praça Clóvis Bevilacqua e áreas adjacentes, resultantes de desapropriações.* ➤

aquisições ou permutas pela Prefeitura, pela Empresa Municipal de Urbanização ou entidades e autarquias ligadas ao poder público. Estabelece que o projeto da Estação Sé, da Companhia do Metropolitano de São Paulo, antes de ser examinado pela Câmara deverá ser por esta encaminhado ao Instituto de Engenharia de São Paulo, ao Instituto de Arquitetos do Brasil, Seção de São Paulo e ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Artístico do Estado de São Paulo, que o apreciarão, visando os aspectos arquitetônicos. A execução de projetos resultantes de remanescentes de desapropriações também será previamente examinada por aquelas entidades técnicas e ainda os projetos de reforma ou edificação em terrenos localizados nas áreas citadas. A Câmara encaminhará àquelas instituições, quando os receber, os projetos enviados pelo Executivo. O projeto reserva ainda a denominação de praça da Sé à praça onde se localiza a estação Sé do Metrô, reservando o nome de Clóvis Bevilacqua a ser dado a logradouro ou prédio importante, no centro da cidade.

HOMENAGEM AO SINDICATO DOS JORNALISTAS

Congratulou-se a Câmara pela passagem do 39.º aniversário de fundação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. De iniciativa do Presidente Sampaio Dória, com apoio unânime, figura nos anais "a homenagem ao importante papel desempenhado pela imprensa como instrumento de intercâmbio de informações de interesse da comunidade brasileira, principalmente em um país como o nosso, de dimensões continentais."

Destacou também "o trabalho dos jornalistas credenciados na Câmara, que têm contribuído para o engrandecimento do Legislativo."

PENA CAPITAL AOS TRAFICANTES DE TÓXICOS

Considerando que a denuncia que fez no dia 28 de junho no plenário da Câmara sobre a existência de uma quadrilha que desenvolve o tráfico de entorpecentes em colégios e boates, mereceu a atenção e elogios da Polícia, o Vereador Oliveira Laet informou que, após o recesso de julho, voltará a cuidar do problema.

"Quando fiz as acusações — informou o Vereador Oliveira Laet — tinha elementos seguros que as comprovavam. A Polícia vem agindo. Considero utilíssimo o trabalho do delegado Carlos Ferreira de Castro, titular da Divisão de Entorpecentes. Apóio a opinião que ele manifestou de ter a Polícia a necessidade de contar com a colaboração de pais, de professores e de alunos que tenham conhecimento de ocorrências ligadas ao tráfico de tóxicos. Vamos aprimorar a campanha em defesa de jovens desorientados. E aos aproveitadores, eu insisto que merecem a pena de morte". concluiu.

TRABALHO CULTURAL E PATRIÓTICO

Na 49.ª sessão especial, realizada no dia 6 de maio último, a Câmara Municipal outorgou ao coronel de Exército, Mário Antonio Machado de Castro Pinto, o título de Cidadão Paulistano. Altas autoridades compareceram à cerimonia.

Saudando-o, falou o Vereador David Roysen, autor do Projeto que resultou na concessão do honroso título. Destacou o trabalho do coronel Castro Pinto na obra cultural e patriótica que a ADESG vem realizando.

Ao proferir discurso de agradecimento, o homenageado acentuou "que se sentia duplamente honrado, não só pela insigne distinção, mas também por me caber prosseguir, agora como Cidadão Paulistano, a notável obra que a Escola Superior de Guerra e a Associação de seus diplomados, a ADESG, vem realizando há mais de duas décadas no esforço de conscientizar nossas elites em face dos magnos problemas do país."

"Há pouco mais de dez anos disse o coronel Castro Pinto, cheguei a esta metrópole no cumprimento do dever militar, para comandar o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo. Trazia comigo a esperança de ser útil a esta Cidade, pois conhecia perfeitamente a história do seu povo, sempre presente nas horas difíceis da nacionalidade, sempre na vanguarda de nosso progresso com sua vontade férrea de vencer.

No CPOR, a par da instrução militar, procurei motivar os jovens para uma participação mais ativa na vida nacional, através da realização de Ciclos de Estudos de História do Brasil, de Educação Moral e Cívica, de Segurança Nacional e Desenvolvimento, de Liderança e Chefia. Levei a minha contribuição aos universitários e aos homens de empresa, proferindo conferências. Através de 10 Ciclos de Estudos da ADESG levadas a efeito nesta cidade, sob minha coordenação, tive a honra e o privilégio de, juntamente com homens de todas as atividades sociais, pertencentes à elite de São Paulo, estudar e debater a doutrina da Escola Superior, da qual tem se valido os governos revolucionários, bem como a realidade brasileira face à conjuntura internacional."

E concluiu. "Concito os paulistanos, os paulistas e demais brasileiros de todos os quadrantes, a nos unirmos aos homens responsáveis pelos destinos da nação, pois no mundo conturbado em que vivemos torna-se imprescindível a formação de nossa frente de defesa interna para que sejam preservados os valores morais e espirituais da nacionalidade, para que o país continue a desenvolver-se debaixo de uma paz duradoura, em busca do lugar que lhe está destinado junto as demais potências, e para que a totalidade dos brasileiros gozem dos direitos e garantias que lhes são devidas na Constituição Nacional."

EXEMPLO DE CIVILIZAÇÃO EVOLUIDA

Participou a Câmara Municipal das comemorações de mais um aniversário do 13 de Maio, realizadas junto ao Monumento da Mãe Preta, no largo do Paissandu. O Presidente Sampaio Dória representou também o Presidente do Senado, Senador Magalhães Pinto.

No discurso que proferiu, depois de destacar o papel relevante e decisivo do Exército Nacional na libertação dos escravos, disse o Vereador Sampaio Dória: "A convivência harmoniosa, descontraída e fraterna, não apenas das raças negra e branca, mas de todas as raças humanas, nesta cidade, constitui realidade irreversivelmente implantada entre nós e que pouquíssimas outras nações podem ostentar."

Essa convivência, frisou a seguir, tem-nos poupado, ao longo do tempo e da história, dos trágicos e dolorosos conflitos, nascidos da discriminação, do ódio, dos preconceitos que ainda dividem, dilaceram e atormentam outros povos. Sob esse prisma, temos sido exemplo de civilização evoluída e superior."

O PADRÃO DO SERVIÇO FUNERÁRIO

Apoiando o Projeto de Lei do Executivo, que reestrutura o Serviço Funerário, o Vereador Osvaldo Teixeira Duarte, que visitara recentemente dependências dessa unidade, na av. Dr. Arnaldo, disse que "o que é bom, merece ser prestigiado e apoiado."

"A atenção que os servidores do SF dispensam a todos, nas horas de profunda tristeza, e a regularidade no desempenho de trabalho difícil fazem com que seja nossa obrigação apoiar, para que mantenha o mesmo padrão, uma unidade municipal que se impõe ao respeito dos que a conhecem."

UMA FESTA DE JOVENS



Fábio Lazzari recebe cumprimentos do ex-Presidente da Câmara, sr. Paulo Soares Cintra.

O jornalista Fábio Lazzari, redator da Câmara e há muitos anos comissionado na Secretaria Municipal de Esportes, onde vem desenvolvendo campanhas que prestigiam a juventude, recebeu da Edilidade, em sessão especial, no dia 10 de junho último, medalha de gratidão da cidade, proposta pelo Vereador Antonio Sampaio.

A homenagem foi também uma festa de jovens que participaram da XI Olimpíada Infanto-Juvenil e do Concurso de Bandas e Fanfarras. Durante cerca de três horas, centenas de estudantes que participam todos os anos de ambas as promoções do calendário da Secretaria Municipal de Esportes, aplaudiram os Vereadores presentes, o sr. Caio Pompeu de Toledo, Secretário Municipal de Esportes e o jornalista Fábio Lazzari. É a primeira vez que a Câmara presta homenagem dessa natureza a seu servidor. Pondo em destaque essa deferência, o Vereador Antonio Sampaio lembrou o trabalho que considera admirável que vem sendo executado pelo jornalista.

A AÇÃO DOS GRILEIROS

Preocupado com a atividade de grileiros, que se aproveitam da boa fé e da honestidade de milhares de pessoas humildes, o Vereador José Bustamante tem ocupado a tribuna da Câmara Municipal para denunciar abusos frequentes.

"A maior área da atividade criminosa de grileiros — afirmou — é a zona leste da cidade. São milhares as vítimas que constroem em terrenos que pagam a prestações, barracões e outros tipos de moradias precárias. Pensam que têm uma casa. Não têm. Os grileiros agem impunemente. Quando chegam os legítimos proprietários dos terrenos onde as casas foram construídas, surge o drama, que é o de perder o abrigo da família. Estou coligindo elementos — concluiu — para solicitar vigorosa ação do poder público, sobretudo do Ministério da Justiça, em defesa dos sagrados interesses dos humildes, cuja simplicidade é alvo de criaturas sem escrupulos, que merecem cadeia."

NA JUSTIÇA O DESTINO DAS ÁREAS VERDES

No dia 12 de julho, o Vereador Antonio Rezk, por meio de seus advogados, Roberto Garrido de Paulo e Fauzi Achôa, propôs ação popular, com o objetivo de tornar nula a Lei recentemente promulgada pela Câmara e sancionada pelo Prefeito Olavo Setúbal, que autoriza a cessão a particulares, para construção de clubes de campo, das áreas verdes doadas à Prefeitura no loteamento de chácaras de recreio, em regime de concessão de uso, pelo prazo de 99 anos, renovável por igual período.

"Inconstitucional" — O Vereador emedebista, como o fizera em sucessivos pronunciamentos no plenário, durante a discussão do Projeto que o transformou na lei 8.416-76, sustenta "que esta lei é inconstitucional".

"Na ação que proponho, reproduzo o artigo 12 desse diploma legal, que estabelece: "as despesas com a execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias." Isso significa, frisou, que a Câmara, ao aprovar o Substitutivo ao Projeto original, do Executivo, aumentou a despesa pública, o que lhe é vedado pela Constituição Federal."

"A inconstitucionalidade — acrescentou — fulmina a Lei 8.416. Mas a ação popular também leva ao exame da Justiça o fato de a lei ferir frontalmente o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município, que tem, entre outros objetivos básicos, a preservação e manutenção do meio ambiente, contra a poluição do ar, do solo, dos mananciais de agua e da paisagem."

"Esses argumentos, que meus advogados expõem e defendem na petição inicial, na minha opinião são suficientes para que a ação proposta logre decisão favorável."

Outros argumentos — *"Mas há outros, prosseguiu o Vereador emedebista, que reforçam a posição que assumi na Câmara e agora na Justiça: determina a Lei Orgânica dos Municípios, no parágrafo primeiro do artigo 65, "que a concessão administrativa dos bens públicos e dominiais dependerá de lei e concorrência e far-se-á mediante contrato, sob pena de nulidade do ato." E essa mesma Lei só prevê a dispensa de concorrência, mediante lei, quando o uso se destinar a concessionária de serviço público, a entidades assistenciais, ou quando houver interesse público relevante. "E não há interesse público: ao contrário, quem pode admitir que a população terá livre acesso a clubes que passarão a usar áreas públicas? A esmagadora maioria dos habitantes desta cidade poluída e necessitada de áreas verdes, não pertence a clubes e não pode ingressar neles, por falta de recursos. Os clubes terão que ser comunitários, prestigiados pelo poder público municipal, para oferecerem o verde, o lazer e o esporte. A Lei 8.416, ao ceder áreas, não estabelece a proibição do desmatamento. Assim, o bem público não foi poupado e a Lei terá efeitos nefastos e insuscetíveis de reparação."*

"Boa atitude" — *Informado sobre a ação popular do Vereador Antonio Rezk, o Prefeito Olavo Setúbal disse "que essa atitude é boa, pois permitirá o exame, pelo Poder Judiciário, da Lei que dispõe sobre o uso de áreas livres que o Município receber em loteamentos que poderão ser feitos na zona rural."*

EM MEMÓRIA DE PRESTES MAIA

Em memória do Prefeito Prestes Maia, cuja morte ocorreu há onze anos, no dia 26 de abril, o Vereador Sampaio Dória proferiu discurso em que destacou a personalidade de engenheiro e arquiteto que dirigiu os destinos da cidade.

"Esta Casa — disse o Presidente — homenageou e se engrandeceu, ao outorgar-lhe o título de "Prefeito Emérito da Cidade de São Paulo". Prestes Maia restabeleceu o prestígio e a respeitabilidade da administração pública municipal, que outros haviam diminuído."

Lembrou também a campanha que Prestes Maia iniciou para a Reforma do Artigo 20 da Constituição Federal, propondo a participação das capitais brasileiras — excluídas do Fundo de Participação dos Municípios — na renda federal. E a propósito mencionou os pontos principais do trabalho que a Câmara vem desenvolvendo junto ao Congresso Nacional, com o objetivo de conseguir maiores recursos financeiros para as capitais e os municípios das áreas metropolitanas.

HOMENAGEM AO ESTADO DE ISRAEL

O Vereador David Roysen propôs e foi aprovado, requerimento em que solicitou a inserção em ata de um voto de júbilo e congratulações com o povo israelense, pela passagem do 28.º aniversário da fundação do Estado de Israel. A manifestação contou com o apoio dos Vereadores Edvaldo Varjão, Celso Matsuda, Nestor Ribeiro, José Storópolli, Aurelino de Andrade e Alfredo Martins.

"São vinte e oito anos de lutas e sofrimentos, disse o vereador David Roysen, que sempre acompanharam esse povo que, há mais de um milênio, houvera pedido a sua pátria, houvera perdido Sion. Suas lutas, seus sofrimentos, sua abnegação, sua paciência fizeram por devolver-lhes a terra perdida, a terra prometida. E é a esse povo, de sentimentos e virtudes sedimentados nos terríveis séculos da Diáspora, que rendemos, hoje, as nossas homenagens. Esses vinte e oito anos não lhes trouxeram, ainda, a paz e a tranquilidade desejadas, pois as lutas continuam com redobrados sacrifícios de todo o povo, mas continuam na certeza de que na sua Israel suas forças se revigoram, porque estão na Terra Prometida."

MUTIRÕES DE FISCAIS PARA COIBIR ABUSOS

Considera o Vereador José Storópolli "de absoluta necessidade mutirões de fiscais na cidade, contra as valas, os buracos e a lerdeza no andamento das obras que são executadas nas vias públicas.

"Tenho falado na Câmara dos problemas que as empreiteiras criam em todos os bairros. O paulistano acorda todos os dias com uma vala ou um buraco na frente de sua casa. O pior — acrescentou — é que muitas empreiteiras começam o serviço e depois deixam que as obras caiam em ritmo lento, incompatível com o ritmo do trabalho da cidade. Em consequência, as ruas ficam congestionadas, o transito é lento demais e os trabalhadores é que sofrem as consequências, a começar dos motoristas de onibus que já não sabem como fazer para desviarem os veículos das valas que tomam mais da metade das ruas. Os fiscais, organizados em mutirões, devem estar a postos para coibir abusos e negligência na fiscalização rotineira", concluiu o Vereador José Storópolli.

SEMINÁRIO DE CONTROLE DE ROEDORES

No dia 12 de junho, na Câmara, com a presença de altas autoridades dos Governos Estadual e Municipal, o ministro da Saude, Paulo de Almeida Machado, abriu, em sessão solene, o I Seminário sobre o Controle de Roedores, cujo objetivo é o de estabelecer as bases de uma campanha permanente de controle, principalmente nas áreas periféricas da cidade. O seminário foi preparado pela Secretaria Municipal de Higiene e Saude, sob a direção de seu titular, o secretário Fernando Proença de Gouveia, extendeu-se até o dia 14 de julho.

O secretário observou que existem, em São Paulo, seis ratos para cada habitante e, por isso seu controle é necessário para impedir contaminações, transmissão de moléstias e o consumo de milhares de toneladas de alimentos, anualmente. Por sua incomum capacidade de ingestão de todo tipo de material — desde capas de fios elétricos, até colas — os ratos preocupam seriamente os técnicos do Metrô, por exemplo, pois colocam em risco, diariamente, milhares de pessoas:

Antes da realização do Seminário a Prefeitura está adotando medidas concretas para reduzir a população de roedores, na cidade. Os lixões do Serviço de Limpeza Pública, por exemplo, estão sendo preparados com camadas de terra de 60 centímetros de espessura, a fim de impedir a passagem dos ratos. Particulares, vão analisar o problema em profundidade.

A GRATIDÃO AO MÉDICO YAZBEK

No dia 23 de junho, a Câmara Municipal outorgou ao médico João Yazbek medalha de gratidão pelos serviços prestados à cidade, não só através de sua atividade profissional, mas também em sucessivas campanhas comunitárias, especialmente no bairro do Ipiranga, onde nasceu. Festejando os quarenta anos de formatura na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o homenageado vem recebendo manifestações de apreço, às quais se associou a Câmara Municipal, por indicação do Vereador Oswaldo Giannoti.

Em seu discurso de saudação, o representante arenista disse que "o espírito comunitário, o interesse que sempre demonstrou pela solução de problemas de interesse público e a devoção de servir fizeram do médico Yazbek um exemplo".

Mencionando a participação do Sr. João Yazbek no Lion's Clube de São Paulo, o Vereador Giannotti lembrou também "a figura do saudoso Mansur Yazbek, que teve a alegria de transmitir aos filhos, entre eles o médico que hoje a Câmara Municipal homenageia, a certeza de que mereceram, como merecem, o respeito público."

Acrescentou que encaminhara ao Prefeito Olavo Setúbal, indicação em que solicitou seja dado o nome de Mansur Yazbek a uma das ruas do Ipiranga, "para perpetuar a memória de um dos maiores batalhadores pelas causas da coletividade desse bairro."



João Yazbek

Agradecendo a homenagem, o Sr. João Yazbek proferiu breve discurso, considerando "generosa a atitude da Câmara" e recebeu cumprimentos, em companhia de sua esposa, Da. Janete Yazbek.

UM JORNALISTA DE ESCOL, DA VELHA GUARDA

O colunista Tavares de Miranda noticia em sua coluna, na Folha de São Paulo, a homenagem que o jornalista Americo Bologna recebeu da Ordem dos Velhos Jornalistas e da Associação Paulista de Imprensa:

"Américo Bologna comemorou o jubileu de ouro como jornalista e vem recebendo significativas homenagens de entidades culturais. No almoço da Ordem dos Velhos Jornalistas recebeu carinhosa homenagem e na sessão da Associação Paulista de Imprensa, presidida pelo jornalista Paulo Zingg foi-lhe outorgado um cartão de ouro, com os seguintes dizeres: "A Américo Vespúcio Bologna, simbolo de uma geração de jornalistas que muito serve, com dedicação e lealdade à Democracia, ao Povo e à Pátria, homenagem da Associação Paulista de Imprensa pelos seus 50 anos de honesta e construtiva atividade profissional".

UM LÍDER DA CLASSE MÉDICA



Pedro Kassab recebe cumprimentos.

Outorgando medalha de ouro ao médico Pedro Kassab, Presidente da Associação Médica Brasileira e da Associação Médica Mundial, a Câmara realizou sessão especial que contou com a presença de altas autoridades e de expressivas figuras da Medicina brasileira.

Na Presidência dos trabalhos, o Vereador Samir Achôa saudou o homenageado, lembrando sua atuação em sucessivas campanhas de valorização da classe médica.

O orador oficial — *O autor do Projeto do Decreto Legislativo que resultou na homenagem, Vereador Brasil Vita, ocupou a tribuna para saudar o presidente da Associação Médica Brasileira.*

Lembrou o trabalho que ele vem realizando na Associação Médica Brasileira, reeleito em numerosos pleitos em que a classe demonstra o apoio às campanhas que desenvolve.

"Amigo dos amigos, amoroso com o próximo — disse o Vereador Brasil Vita — despreendido e leal, só fez por merecer os prêmios, os títulos, as distinções que lhe foram outorgadas. A convite dos Governos ou não, mas sempre voltado para a observação e estudos dos problemas gerais de saúde, previdência, trabalho e educação, viajou por todas as regiões do Brasil e constatou de perto a realidade de mais de uma dezena de países."

Agradecimento — *Agradecendo a homenagem, o Presidente da Associação Médica Mundial, que estava acompanhado de sua esposa, da. Yacy Kassab e de seus filhos, mencionou o trabalho que a AMB vem realizando.*

A Associação Médica Brasileira, com plena consciência de seus dirigentes em relação a todas essas responsabilidades, disse, "segue diretrizes morais, tendo como finalidade absoluta a defesa da vida e da integridade mental e física, preservada sempre a intimidade de cada família, e de cada pessoa. Suas entidades filiadas, nas respectivas unidades federativas do País, procedem igualmente, aqui estando neste momento, há de ser compreensível que disso invoquemos, como um dos mais belos exemplos, a Associação Paulista de Medicina, patrimônio moral e voz legítima dos colegas deste Estado. Hoje se estendem, por todo o território nacional, quase três centenas de núcleos médico-associativos, com a mesma motivação. E, em cada um desses pontos do Brasil, por meio deles, a mesma preocupação superior de solidariedade humana, traduzida na atuação devotada de dezenas de milhares de colegas.

A eles todos é que se deve considerar dirigido o ato desta nobre Casa, e com tanto maior razão quanto mais longe se encontram, fisicamente, dos maiores centros. É em seu nome, principalmente, que falamos de nossa gratidão, felizes por termos a honra de lhes transmitir o preito de nossa cidade, com especial agradecimento a João Brasil Vita, por sua iniciativa, pela forma que lhe deu e pela bondade de suas palavras", finalizou.

IBAM COORDENA SEMINÁRIO

Sob o patrocínio da Secretaria Municipal de Esportes e a coordenação do Instituto Brasileiro de Administração Municipal — IBAM — realizou-se no plenário da Câmara Municipal, de 21 a 25 de junho, o I Seminário de Educação Física e Esportes.

Abrindo a reunião de estudos, em sessão presidida pelo Vereador Sampaio Dória, o sr. Caio Pompeu de Toledo falou sobre os objetivos que a Secretaria Municipal está alcançando nessa área. Destacou a colaboração que vem recebendo de entidades particulares e grandes e pequenos clubes da cidade. A primeira conferência, de caráter técnico, foi confiada ao prof. Augusto Listello, da Academia Nacional de Esportes da França. Seguiram-se as do prof. Herbert Dutra, do Departamento de Educação Física e Esportes do MEC, do coronel Glênio Pinheiro, comandante e diretor da Escola de Educação Física do Exército, do professor Manoel José Gomes Tubino, da Universidade Gama Filho, do Rio, da equipe da Escola de Educação Física de Guarulhos, do prof. Moacir Daiuto, diretor da Escola de Educação Física da USP, do prof. Hélio Babo, diretor de Esportes Terrestres da CBD, da equipe da Escola de Educação Física da USP, professor Mair Godói, do IBAM, da equipe do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Secretaria Municipal de Esportes, do prof. Antonio Boaventura da Silva, da Escola de Educação Física da USP e do major Silvio de Magalhães Padilha, presidente do Comitê Olímpico Internacional.

Presidiram as reuniões, os srs. prof. Luís Antonio Zanninetti, presidente da Associação dos Professores de Educação Física do ESP, jornalista Carlos Aymard, presidente da Associação dos Cronistas Esportivos do ESP, Cleuler de Barros Loyola, diretor executivo do IBAM e Caio Pompeu de Toledo, que, ao encerrar o seminário, agradeceu a colaboração de todos, elogiando a iniciativa do ex-Vereador Paulo Soares Cintra, que, na condição de delegado do IBAM em São Paulo, tem coordenado a realização de seminários de várias áreas de interesse urbano, contando com o apoio da Câmara.

UMA CLASSE SUJEITA A MUITOS RISCOS

Opondo argumentos às críticas formuladas na Assembléia Legislativa contra proprietários de farmácias, o Vereador Edvaldo Varjão disse que a classe, além de um trabalho exaustivo, que se inicia pela manhã e vara a noite, está sujeita a riscos que resultam das atividades de marginais. Lembrou que são comuns os assaltos, que têm tido, consequências lamentáveis, como a morte de um farmaceutico japonês, figura estimada no bairro da Vila Mariana, que não chegou a oferecer resistência aos assaltantes.

"Difícil é o trabalho dos que cumprem um sacerdócio, fácil é a crítica insubsistente, mas que fere a dignidade de uma classe laboriosa" disse o Vereador Edvaldo Varjão.

O SECRETÁRIO DO ANO



O Secretário do Ano, Vereador Mário Osassa.

Considerando o "Secretário do Ano", título que é outorgado pela primeira vez, o Vereador Mário Osassa, Secretário Municipal do Abastecimento, recebeu de seus colegas, colaboradores e de todos que acompanham seu trabalho à frente daquela Secretaria, o testemunho de estima e apreço. Em sessão especial em que a Câmara o recebeu, no dia 12 de julho p. p., o Vereador arenista Mário Osassa transferiu a homenagem à própria Câmara, onde milita há muitos anos e à Prefeitura, onde atua como Secretário desde que o dia em que o Prefeito Olavo Setúbal tomou posse. Frisou que cumpre sua obrigação e levou sua experiência à administração municipal, experiência que ele adquiriu no exercício do cargo de Vereador, mantendo permanente contato com a população, para conhecer suas necessidades e seus justos reclamos.

O autor da homenagem, Vereador Arthur Alves Pinto, na saudação ao seu colega, disse que o Vereador Mário Osassa, em sucessivas campanhas de sua pasta, tem levado à população paulistana, aos produtores, ao comércio e aos consumidores, idéias e realizações que o credenciaram ao título que recebeu.

Assinalou que a Câmara, apoiando sua iniciativa de homenagear o Vereador que cumpre ser trabalho com espírito de justiça, também se sentia honrada por ter no Executivo, nas altas esferas de uma Secretaria trabalhosa, a do Abastecimento, um representante que a dignifica.

Compareceram à sessão a maioria dos Vereadores e grande número de jornalistas que, na Câmara e na Prefeitura, acompanham todos os dias, a administração do Vereador Mário Osassa.

VISITA DO EMBAIXADOR DE PORTUGAL

Os Vereadores Samir Achoa e Brasil Vita saudaram o embaixador de Portugal no Brasil, sr. Vasco Luís Caldeira Coelho Futcher Pereira, por ocasião de sua visita à Câmara, no dia 22 de junho. E o Vereador Alfredo Martins entregou ao visitante, ao apresentar-lhe cumprimentos, lembrando-lhe que se orgulha de sua ascendência portuguesa, a "Arte Plumária e Máscaras de Danças dos Índios Brasileiros", de Noêmia Mourão.

Durante a visita, o diplomata português e os conselheiros da embaixada, srs. Luís Amaro de Oliveira, Paulo de Castro e Alvaro Gonçalves Pereira, trocaram idéias com os Vereadores sobre a presença de Portugal, após mais de quatro séculos do descobrimento, pondo em destaque o intercâmbio entre os dois países.

À BANDEIRANTES MEDALHA DE OURO

Os quarenta anos que Radio Bandeirantes comemora e a presença da TV Bandeirante, ambas as organizações radiofônicas impondo-se ao respeito pelo valioso trabalho social que desenvolvem, mereceram a homenagem que lhes vai ser prestada. A data não foi ainda marcada, mas Radio e a TV Bandeirantes serão homenageadas, em sessão solene da Edilidade. A homenagem consistirá na outorga de medalha de ouro, proposta pelo Vereador Paulo Rui de Oliveira, com o apoio dos Vereadores Alfredo Martins, Antonio Sampaio, Antonio Rezk, Arthur Alves Pinto, Brasil Vita, Celso Matsuda, José Bustamante, José Storópolli, Mario Hato, Nestor Ribeiro, Naylor de Oliveira, Osvaldo Giannotti, Oswaldo Teixeira Duarte, Oliveira Laet, Samir Achôa e Sampaio Dória e Edvaldo Varjão.

UM CAPITÃO DA LIVRE EMPRESA

Na 51.ª sessão especial, realizada no dia 22 de junho último, com a presença de altas autoridades e expressivas figuras do mundo empresarial, o engenheiro Henry Maksoud recebeu o título de Cidadão Paulistano que lhe foi outorgado com a aprovação do Projeto proposto pelo Vereador Celso Matsuda.

Saudação — *Saudando o homenageado, o Vereador Celso Matsuda lembrou que, entre outros objetivos, a Câmara pretende reconhecer no engenheiro Henry Maksoud a personalidade de um empresário de impulso criador, cuja obra de maior significação é a empresa de engenharia que projeta e executa obras de projeção internacional.*

"O fundador da Hidroservice — acentuou o Vereador arenista — o seu presidente, é também presidente do Grupo Visão, que edita oito revistas, entre as quais Visão, cuja circulação atinge 150 mil exemplares por quinzena."

Agradecimento — *Agradecendo a homenagem, o eng. Maksoud, que nasceu em Aquidauana, em Mato Grosso, lembrou sua profissão de fé que põe a serviço da livre iniciativa.*

E acentuou:

"Se adotarmos conscientemente o regime de liberdade de iniciativa, que se contrapõe ao marxismo, devemos sempre, sem subterfúgios, sem escrúpulos, sem medo, mas com determinação e sinceridade, ir a favor dos homens brasileiros que tenham aptidão e sensibilidade empreendedora, fazendo com que eles e o que eles fazem sejam motivo de respeito e admiração. E que os homens no campo dos negócios, que inovam,



Henry Maksoud

criam riquezas, ampliam as oportunidades de trabalho e mantêm viva a economia de mercado, sejam reconhecidos e estimulados pelos nossos políticos, nossos governantes e nossos meios de comunicação e sejam considerados quase tanto heróis nacionais quanto muitos de nossos ídolos da música popular e do futebol. É assim que daremos forma à nossa opção, pois o fator escasso, mais relevante mesmo do que o capital e a força de trabalho, imprescindível para o desenvolvimento de uma verdadeira democracia, é a capacidade empresarial privada nacional que por isso deve ser valorizada e prestigiada."

ESTÁ SENDO COMPOSTA A HISTÓRIA DA MUNICIPALIDADE



O historiador Aureliano Leite, tendo à sua esquerda o Presidente Sampaio Dória e o Secretário da Educação, Hilário Torloni e à direita o sr. Neif Gabriel, diretor geral da Câmara, observa a composição de seu livro.

O Presidente da Câmara Municipal, Vereador Sampaio Dória, os Secretários da Educação e de Imprensa, prof. Hilário Torloni e jornalista Lázaro Severino, o diretor-geral da Câmara, prof. Neif Gabriel, o diretor do Departamento de Segurança da Câmara, sr. Francisco Falconi Júnior, o engenheiro-assessor da Câmara, Mário Pacheco de Queirós, o historiador A. B. Galvão Bueno Trigueirinho, presidente do Instituto Genealógico Brasileiro, jornalistas e escritores estiveram presentes ao ato de impressão das primeiras páginas do livro do historiador Aureliano Leite, — "História da Municipalidade de São Paulo — e os acontecimentos locais e gerais de que participou na Colônia, no Reino, no Império e da República. A obra terá 1.061 páginas, em cinco volumes, constituindo um trabalho elogiado por intelectuais que o leram.

Não houve cerimônia, foi um encontro informal em que seus participantes ficaram conhecendo o moderno equipamento da Gráfica Municipal e ouviram detalhadas informações de seu gerente, o jornalista Adelino Ricciardi. Outros trabalhos que a Gráfica imprimiu foram mostrados aos visitantes e a Aureliano Leite, que guardam a certeza de que a técnica aprimorada das artes gráficas deverão dar relevo à obra, tanto quanto outros trabalhos de ilustres intelectuais mereceram. O encontro, de alto nível, depois da visita ao parque gráfico, terminou com um café no refeitório da Gráfica, quando os presentes, conversando com mestre Aureliano, puderam ouvir episódios marcantes da História da Cidade.

CIRURGIÕES HOMENAGEADOS

Participando das comemorações do 27.º aniversário da Fundação da Seção Brasileira do Colégio Internacional de Cirurgiões e do 40.º do "Internacional College of Surgeons", a Câmara ofereceu o plenário para que o CIC fizesse sua festa cultural e premiasse os cirurgiões que se destacaram pelos trabalhos científicos e atividade profissional.

A Presidência de honra da sessão solene, realizada no dia 11 de junho último coube ao General Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, que proferiu discurso calorosamente aplaudido.

Abrindo os trabalhos, o Vereador Samir Achôa saudou o ilustre militar e os participantes das comemorações, trnasmitindo a Presidência ao prof. Mateus Santamaria. Lotando as dependências do plenário, médicos ouviram também o discurso dos Prof. Santamaria e Mário Degni, que destacaram as atividades científicas e culturais da Seção Brasileira do Colégio Internacional dos Cirurgiões.

"Hoje recebem medalhas muitos, nossos companheiros de vários Estados do Brasil, que militam nos mais diversos ramos da cirurgia aos quais prestamos nossa homenagem e compreendemos a satisfação recebendo este galardão.

Desejo terminar, lembrando o que há muito tempo escrevi. — "Exercer a Medicina ou a cirurgia é por vocação, é dedicação e despreendimento. É amar o próximo sem pensar na recompensa. É suor e desalento. É desconforto e muita vez ingratidão. Mas é nobre e confortador. Muitos não conseguem chegar ao fim da meta, mas a maioria permanece perseverante e fiel à vocação — êstes têm o seu justo prêmio. A êles a nossa admiração." disse o prof. Santa Maria.

DESTACADA A ATUAÇÃO DO INPS

O Vereador Naylor de Oliveira proferiu discurso em que destacou "a substancial ampliação dos serviços de atendimento médico e odontológico de urgência, do INPS, na área metropolitana de São Paulo."

"São Paulo contribui pesadamente para os cofres daquela autarquia federal, sem receber em troca serviços médicos suficientes para o atendimento de sua enorme população. O Estado mais populoso do Brasil, para onde se dirige uma caudal imensa de emigrantes, estava sem serviços médicos previdenciários à altura de sua grandeza, o que redundava em filas imensas à porta dos postos do Instituto Nacional de Previdência Social. Agora, a situação vai ficar muito diferente, pelo menos no que se refere ao atendimento de urgência, já que se encontram em funcionamento 17 postos de atendimento direto do Instituto, funcionando das 7 às 19 horas, de 2.ª a 6.ª feira. Firmaram convênio com o Instituto para o atendimento de urgência, funcionando ininterruptamente, inclusive ao sábados, domingos e feriados, onze hospitais situados nos bairros próximos ao centro, dois da zona norte, nove da zona sul, oito da zona leste e seis da zona oeste, mais um grande número de hospitais situados em Guarulhos, ABC, Osasco e Caieiras. Trata-se de uma rêde hospitalar que corresponde ao dôbro daquela que existia até um mês atrás", concluiu.

HOMENAGEM AO MAESTRO BELLARDI

O Vereador Brasil Vita proferiu discurso em que manifestou a admiração e o respeito da cidade pelo maestro Armando Bellardi, que atinge os 76 anos, recebendo homenagens de artistas que lhe consagram os méritos. Entre estas, a da colocação de uma placa de bronze no saguão do Teatro Municipal, lembrando o valioso trabalho que desenvolveu na divulgação da ópera no Brasil e na criação de organismos artísticos. Maestro, regente, professor, divulgador entusiasta da música clássica, Bellardi é autor da implantação de projetos que criaram a Orquestra Sinfônica, o Coral Lírico e o Corpo de Baile. Um apaixonado pela música, ele tem trazido ao Brasil insignes maestros e artistas de fama internacional. Sua carreira, segundo lembrou o Vereador Brasil Vita, iniciou-se como violoncelista, aos 13 anos, quando ganhou uma bolsa de estudos na Itália, onde projetou o Brasil no cenário artístico.

SUPLETIVO GRATUITO



O Prefeito Olavo Setúbal, tendo à sua direita o sr. Hilário Torloni e a esquerda o Vereador Antonio Sampaio, assina a lei do Supletivo gratuito.

A Câmara Municipal de São Paulo, numa demonstração de seu interesse em bem servir a coletividade paulistana aprovou, e por voto unânime, a transformação do Curso de Madureza da Gráfica Municipal em Supletivo.

A sugestão foi apresentada ao executivo pelo vereador Antônio Sampaio, da ARENA e contou com o apoio de todos os membros da edilidade, pronunciando-se em plenário os vereadores Celso Matsuda, da ARENA, José Storópoli e Edvaldo Varjão, do M.D.B.

Surgiu o Curso, com a idéia de se dar aos servidores da Gráfica Municipal de São Paulo, condições de estudarem gratuitamente no próprio local de trabalho.

Em 1972, o então prefeito Figueiredo Ferraz e o Secretário da Educação Paulo Nathanael Pereira de Souza consideraram bom o ponto de vista do gerente da Grafica Jornalista Adelino Ricciardi e determinaram ao Departamento de Ensino que fornecessem o material necessário à montagem de uma sala de aulas e providenciassem a designação de professores. Pouco depois, estava funcionando o Curso de Madureza da Gráfica Municipal, contando com excelente equipe de professores: Luiz Eduardo Coutinho, coordenador; Álvaro Lobo N. de Campos (Matemática); José César Agostinho Costa (Ciências Físicas); Doraci Gianini (Estudos Sociais); Fátima do Rosário Marques (Português); Maria Inês Portugal de Figueiredo Dias (Geografia) e Maria Tereza Guidoni de Moraes (História).

À sala de aulas foi dado o nome de Constante Eleno, homenagem póstuma ao antigo chefe das oficinas da Gráfica, um profissional autêntico, homem devotado à causa pública, um artista, talvez o maior encadernador que o Brasil já possuiu.

Depois de um ano de atividade já era tão auspicioso o resultado no Curso, que a gerência da Gráfica resolveu estendê-lo aos servidores de toda a Prefeitura.

Houve grande procura, o que determinou sua transferência para local próximo com maior espaço, a Escola Municipal Duque de Caxias na praça Mário Margarido.

Em fins de 1975 estavam matriculados cerca de 500 alunos. 102 já haviam ingressado em faculdades ou estavam inscrevendo-se em vestibulares.

Conversando com alunos na ocasião, é que o vereador Antônio Sampaio decidiu propor ao Executivo a criação do Supletivo Municipal, estendendo-o a todos os municipes.

O Secretário de Educação da Prefeitura, o educador e homem público Hilário Torloni, depois de conhecer a Escola da Gráfica, entusiasmou-se com a idéia e preparou o Projeto que criou o Curso Supletivo Municipal "Francisco Prestes Maia".

O Prefeito Olavo Egydio Setúbal promulgou a lei, que recebeu o número 8.389, dia 19 de maio, em meio aos alunos, em solenidade realizada no recinto da escola.

Vereança recolhe a opinião do jornalista Adelino Ricciardi, gerente da Gráfica Municipal sobre o Supletivo.

"Dois fatos positivos foram revelados com a criação do Curso de Madureza da Gráfica, hoje Supletivo, a vontade que o funcionário municipal tem de estudar e o aperfeiçoamento de sua produção em benefício da própria Prefeitura.

O servidor, geralmente, ingressa em faculdade que condiz com sua área de trabalho ou na que mais se lhe aproxima. E o que aprende no curso superior, automática e espontaneamente emprega em suas atividades. Melhora o comportamento no exercício de sua atividade.

Que o aprimoramento é necessário, reconhece-o o próprio poder público. Por isso mesmo, Secretarias da Municipalidade e departamentos, notadamente o de Administração do Município de São Paulo promovem, periodicamente, cursos que visam a dar maiores conhecimentos ao servidor.

E aqueles que vão além, que após terem ingressado no serviço por concurso ou terem sido efetivados por força da lei, que enfrentam uma faculdade e dela trazem benefícios à administração, acreditamos, mereceriam gratificação de nível universitário.

Significaria dar aos demais servidores, por meio de lei municipal o direito que a Secretaria de Educação estabelece aos professores. Estes, embora lecionem no 1.º grau, quando diplomados em Pedagogia recebem gratificação relativa ao diploma universitário. E com vantagem excepcional para o educando. As inovações surgidas nos últimos tempos, graças à iniciativa dos professores, fazem com que o ensino básico da capital bandeirante seja um verdadeiro modelo para todo o país. As autoridades escolares, a começar pelo Secretário de Educação, Hilário Torloni implantam qualquer novo sistema e este, de imediato, supera todas as expectativas. Isto porque os professores, além da vontade de cooperar, têm a capacidade técnica adquirida em escola superior, que lhes permite melhor desenvolvimento do seu trabalho.

Quando surgiram as primeiras notícias de que seria enviado à Câmara o projeto que depois se converteu na Lei n.º 8.209, de 4 de março de 1975, houve verdadeira corrida às faculdades de Pedagogia. Foi uma excelente saudida. Professores que haviam parado no tempo, trataram de se atualizar. E o resultado foi e tem sido ótimo.

O mesmo, por certo, acontecerá com muitos servidores, na hipótese de um curso superior lhes proporcionar gratificação, ganho a mais para juntar ao seu salário.

E o serviço público, por sua vez melhorará, como acontece com o ensino."



"A vida me colocou de costas para os meus filhos Olhe por eles por uns tempos."

Há 51 anos a Associação Santa Terezinha cuida dos filhos de hansenianos.

Para recebê-los, quando nascem nos hospitais, nós temos uma Creche. E para educá-los, instruí-los, dar-lhes uma profissão, nós temos um Educandário. Eles podem ficar conosco até os 18 anos.

A única coisa que não lhes falta é carinho. No resto, nós dependemos da ajuda de todos para criar nossas crianças.

Por isso estamos pedindo a sua ajuda. Seja em forma de donativos, seja como contribuição permanente. (Lembramos que esta colaboração, por destinar-se a uma entidade beneficente, pode ser descontada do Imposto de Renda, bastando guardar o recibo do depósito bancário.)

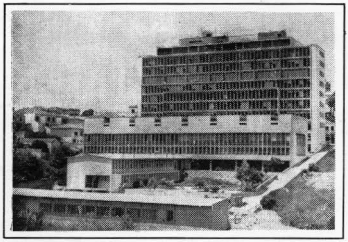
Nossas crianças contam com você. E desde já, sorrindo, agradecem.

ASSOCIAÇÃO SANTA TEREZINHA

Creche Carolino Motta e Silva, Rua Morato Coelho, 716
Pinheiros - Fone: 282-0926
Educandário Luiz Galvão, km 27 Estrada Velha de Itu
Carapicuíba - Fone: 429-2085

Deposite sua contribuição em nome da Associação Santa Terezinha em qualquer agência do Banco Nacional

VOCÊ PODE AJUDAR A FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE



1. Alistando contribuintes.
2. Conseguindo donativos em dinheiro e em espécie.
3. Trazendo doadores de sangue.
4. Inscrevendo a FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE como operário símbolo de sua emprêsa.

Informes com a REDE FEMININA
Rua Professor Antonio Prudente, 211 — 1.º Andar
Telefone: 278-0826 ou 278.8811